



## **CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL**

### **DIRETÓRIO PARA MISSAS COM GRUPOS POPULARES**

**Documento aprovado pela XV Assembléia da CNBB  
8 a 17 de fevereiro de 1977**

**Anexo: DIRETÓRIO PARA MISSAS COM CRIANÇAS  
Documento da Sagrada Congregação para o Culto Divino,  
1º de novembro de 1973**

### **INTRODUÇÃO**

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fiel à missão recebida do Senhor de “anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4,18)<sup>1</sup>, se alegra com o próprio Jesus porque o Pai manifestou seus segredos aos pequeninos, ao povo simples (cf. Lc 10,21)<sup>2</sup>.

Pelo “Diretório para missa com grupos populares”, nós Bispos, nos propomos facilitar uma penetração mais plena da liturgia no coração desta gente simples, através de uma forma de celebração que seja mais adequada à cultura e às circunstâncias que lhe são próprias.

### **CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO**

Ao apresentarmos um Diretório, importa primeiramente expor a quem ele se destina, qual a sua natureza, quais os seus objetivos e as razões que o justificam.

1.1. – O “Diretório” destina-se às missas com grupos populares. Estes são constituídos pelo povo simples.

Entendemos por “povo simples” aquele que não possui cultura letrada, vivendo, porém, a riqueza de uma cultura popular própria. Religiosamente, o povo que tem um lastro de crenças, não as procura justificar racionalmente: vive-as de modo prático, emocional e intuitivo. No relacionamento com o clero, limita-se a receber o que se lhe dá, sem explicitar o que possui como riqueza própria na sua religiosidade de cunho popular. Social e economicamente se constitui de pessoas desfavorecidas e dependentes. São multidões de trabalhadores rurais, de operários e assalariados urbanos, que exercem profissões de reduzida qualificação. Na profissão, dentro da situação social, são mais executores do que autores intelectuais de projetos. São os homens do “agir” e do “fazer”, para atender a necessidades imediatas. Culturalmente, expressam-se de modo concreto, por símbolos e gestos, contando fatos; têm dificuldades em formular conceitualmente as próprias idéias.

Ao contrário da mentalidade lógica e dialética que moldou uma formação eclesial em nossos seminários, o povo simples não inquirir tanto o porquê das coisas e dos acontecimentos. Basta-lhe o acontecer, o existencial.

No Brasil, esses grupos populares, assim caracterizados, constituem a maioria da população de todo país.

1.2. – Do ponto de vista pastoral, o povo simples do Brasil é atendido insuficientemente (alguns só têm uma única missa por ano), ou de modo inadequado, – seja por causa das grandes distâncias, seja pela escassez ou má distribuição dos ministros, seja pelo tipo de pastoral e de liturgia adotadas nestes contatos.

1.3. – Para a solução destes problemas, impõe-se uma pastoral global, que não procure apenas oferecer alguns serviços ao povo, mas caminhe com o povo, fazendo cada um assumir o seu papel numa jornada conjunta de todo o Povo de Deus, no campo da promoção social, da evangelização e da vida litúrgica.

1.4. – No entanto, sem ignorar a importância dos demais problemas, o presente “Diretório” ocupa-se especificamente de um *só aspecto desta pastoral global*: adequar a liturgia da missa ao modo de expressar-se, a cultura e à vivência do povo simples, sem, evidentemente, cair em vulgaridade e incorreção de linguagem.

1.5. – É inegável que os textos e ritos da missa, atualmente em vigor, não correspondem ao modo de expressão e à vivência religiosa, próprios do povo acima caracterizado.

E, contudo: “A celebração da missa, como ação de Cristo e do Povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja universal como local, e também para cada um dos fiéis” (Instrução Geral sobre o Missal Romano 1; cf. SC 10)<sup>3</sup>. E “a Igreja ardentemente deseja que todos os fiéis sejam levados àquela plena, cônica e ativa participação das celebrações litúrgicas, a que o povo cristão, por força do batismo... tem direito e obrigação” (SC 14)<sup>4</sup>.

1.6. – Constata-se, assim, um sério impasse: a inadequação das expressões litúrgicas dificulta a participação plena e frutuosa a que o povo tem direito.

O Diretório para missas com crianças já apontava o dano espiritual causado por semelhante situação (DMCr. 2)<sup>5</sup>. Com efeito, a liturgia “é a primeira e necessária fonte, da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão” (SC 14)<sup>6</sup>.

Urge, por conseguinte, um esforço para harmonizar a celebração litúrgica com a índole e as formas de comunicação próprias de nossa gente, sempre com a preocupação de não prejudicar o conteúdo da fé por causa da linguagem.

1.7. – De fato, o próprio magistério da Igreja, repetidamente, manifestou a necessidade deste respeito às culturas locais. Assim se lê na Constituição sobre a Sagrada Liturgia:

“A Igreja não deseja impor na liturgia uma forma rígida e única no que não diz respeito a fé ou ao bem de toda a comunidade. Antes, cultiva e desenvolve os valores e os dotes de espírito das várias nações e povos” (SC 37)<sup>7</sup>.

“Salva a unidade substancial do rito romano, dê-se lugar a legítimas variações e adaptações para os diversos grupos, regiões e povos...; isso ter-se-á oportunamente diante dos olhos na estruturação dos ritos e na confecção das rubricas” (SC 38)<sup>8</sup>.

Segundo o recente documento papal “Evangelii Nuntiandi”, “o conteúdo inalterável da fé católica... deve ser revestido pelos símbolos próprios que têm em conta os meios culturais, sociais e até mesmo raciais diversos...” (EN 65)<sup>9</sup>.

Os Bispos latino-americanos, no Documento de Medellín (1968), julgaram necessário, na liturgia, “adaptar-se ao gênio das diversas culturas e encarnar-se nele” (Med. 9.7)<sup>10</sup>.

A Igreja, seguindo a lógica destes princípios dela mesma emanados, promulgou, a 1º de novembro de 1973, o “diretório para missas com crianças”.

Dentro do mesmo espírito, a Instrução Geral sobre o Missal Romano determina:

“De acordo com o prescrito na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, podem as Conferências Episcopais estabelecer normas para o seu território, que atendam às tradições e índole dos povos, regiões e diversas assembléias” (IGMR 6)<sup>11</sup>.

1.8. – A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, dando cumprimento a esta determinação do Missal Romano, considerou conveniente publicar o presente “diretório para missas com grupos populares”, a fim de ajudar as comunidades que procuram uma manifestação melhor de sua oração e encorajar os pastores preocupados com esta questão.

Não se trata de criar um novo rito da missa, nem de querer explicar todo o mistério da mesma, mas de exprimir o conteúdo inalterável da liturgia eucarística em símbolos e linguagem próprios do povo simples.

1.9. – Uma liturgia da missa deste gênero poderá fazer com que o povo simples, que vive e pratica uma religiosidade condizente com sua mentalidade, explicita a riqueza do Evangelho oculta nesses valores. Esta maneira de celebrar a liturgia, por certo, favorecerá maior crescimento na fé.

1.10. – O Diretório supõe, além duma esclarecida e suficiente formação litúrgica do celebrante, uma iniciação séria do homem simples à vida eclesial e litúrgica. Somente o confronto dos valores nativos do povo com a riqueza dos conteúdos evangélicos proporcionará um crescimento progressivo na fé que, por sua natureza, nunca é completa e acabada. E preciso também que os fiéis aprendam a compreender a linguagem simbólica, inerente à liturgia (através de catequese e explicações mistagógicas).

Para esse fim, são de grande utilidade as celebrações penitenciais, os círculos bíblicos, as orações espontâneas nas reuniões de grupos e da comunidade, os cantos comunitários etc. Estes diferentes tipos de celebração, além de seu valor próprio, representam um proveitoso aprendizado de elementos que serão reencontrados no rito da missa.

1.11. – O sacerdote inserido na vida e pastoral de sua comunidade verá como é fácil dinamizar a celebração da missa à luz deste “Diretório”. Mas um sacerdote que serve a uma comunidade apenas ocasionalmente, deverá inteirar-se dos elementos característicos do povo do local, sob pena de não compreender a manifestação de seus traços culturais nem ser compreendido pelas pessoas.

1.12. – O bom uso deste “Diretório” fará com que apareça mais claramente a força pedagógica própria da liturgia (cf. SC 33)<sup>12</sup>. No entanto, é preciso ter grande cuidado para não transformar a celebração do louvor a Deus e a oração da comunidade numa série de instruções “didáticas”, áridas e intelectuais (cf. DMCr. 13)<sup>13</sup>.

1.13. – Cabe ao Ordinário julgar da validade e da oportunidade para o seu território, das múltiplas expressões de criatividade que o presente Diretório sugere.

## **CAPÍTULO II: A MISSA EM GERAL**

### **2.1. - Observações prévias**

2.1.1. – As comunidades eclesiais de base que estão se formando por um processo mais apurado de iniciação evangelizadora e cujo crescimento na conversão levam a maior engajamento vivencial, terão mais facilidade em dar nova vida aos ritos. São, porém, essas mesmas comunidades que sentem necessidade de criar algo capaz de expressar a integração de sua vida concreta no mistério do Cristo.

O presente Diretório, firmado no princípio da unidade essencial da liturgia da Igreja com a diversificação das formas, quer ajudar tais grupos para que suas celebrações

correspondam às próprias necessidades e sejam a expressão mais autêntica da fé que vivem (cf. Documentos da CNBB/2a: Pastoral da Eucaristia, n. 1.4.1)<sup>14</sup>.

2.1.2. – O sentido do Memorial do Senhor exige certas condições mínimas de iniciação para que se caracterize como celebração da eucaristia por assembleias convocadas e congregadas pela Palavra. Com este Diretório não pretendemos, pois, promover celebrações de missas sem uma séria preparação das comunidades, como se bastasse o povo expressar ritualmente sua própria cultura. Queremos afirmar claramente que a missa é sempre a celebração do Mistério de Cristo, pela Igreja, mas em formas, ritos e linguagem que identifiquem o modo de viver e de se expressar de uma comunidade concreta (cf. Pastoral da Eucaristia, n.1.4.2 e 1.4.8; Documentos da CNBB, 2).

2.1.3. – O povo simples já cultiva, universalmente, a solidariedade quase como virtude espontânea e inata. Uma vez convocado e nutrido pela Palavra de Deus, facilmente se integra em formas comunitárias, em verdadeira comunhão de vida, de lutas e de compromissos.

A missa, por sua vez, intensifica e consolida o espírito fraterno entre os membros da comunidade, conforme diz o documento conciliar: “Não se edifica nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da santíssima eucaristia; por ela há de iniciar-se toda a educação do espírito comunitário” (PO 6)<sup>15</sup>. Por outro lado, não se deve esquecer aquele imperativo de uma pastoral global para fundar e validar qualquer iniciativa litúrgica. Sem o esforço conjunto e multiforme de edificar uma verdadeira comunidade cristã, pouco valerão ritos mais populares na celebração da missa.

## 2.2. - Preparação próxima da celebração eucarística

2.2.1. – A liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II exige, para a celebração de cada missa com o povo, uma cuidadosa preparação próxima. Esta deve ser feita pelo celebrante junto com “os ministros e todos os que exerçam alguma função especial, inclusive os fiéis, naquilo que se refere a eles de modo mais direto” (IGMR 313; cf. ibid. 73)<sup>16</sup>.

2.2.2. – A eficácia pastoral da celebração aumentará na medida em que se respeitar a multiplicidade de funções e de ministros que as devem exercer (cf. SC 28)<sup>17</sup> e se manter uma equipe estável de liturgia em cada comunidade.

2.2.3. – A mera distribuição de tarefas não é suficiente como preparação: o povo facilmente continuaria confirmado como executor de funções, sem possibilidade de vir a ser verdadeiro agente na ação litúrgica (cf. acima 1.1).

Por isso, é necessário que a comunidade participe na preparação de modo mais amplo e mais ativo, por exemplo, na seleção e ensaio dos cantos e das leituras bíblicas em versões adequadas à sua cultura, na escolha de gestos e ritos expressivos e conforme seus costumes, bem como na formulação das monições e de questionamentos para o ato penitencial. A própria comunidade dê testemunho e sugestões para a homilia e forneça intenções para a prece dos fiéis (cf. PO 9)<sup>18</sup>.

Deste modo, a preparação litúrgica pode tornar-se educativa para uma verdadeira celebração ativa e consciente. E mais: contribuirá, não pouco, para o processo de libertação do povo de sua situação geral de dependência, a começar pelo religioso.

## 2.3. - Liturgia e vida

2.3.1. – Todas as ocorrências da vida dos homens “consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito... tornam-se hóstias espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1Pd 2,5)<sup>19</sup>, hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da eucaristia” (LG 34)<sup>20</sup>.

É indispensável explicitar, na celebração da missa com grupos populares, o conteúdo de salvação ou de pecado, individual ou coletivo, contido nos vários acontecimentos de sua vida. Pois todo o seu modo de pensar e expressar-se parte de realidade e fatos concretos (cf. acima 1.1). Ainda mais quando a vida real do povo já é duramente marcada pelo sofrimento e pela luta de sobrevivência: a oferenda para o sacrifício é abundante e precisa ser levada para o altar em gestos de povo. Conseqüentemente, uma liturgia com o povo simples será tanto mais conforme ao seu gosto e capacidade e tanto mais proveitosa, quanto mais se encarnar em sua experiência vivencial.

2.3.2. – As próprias celebrações e expressões litúrgicas não podem fugir a este princípio. O rito da missa do povo simples deve espelhar o caráter popular de sua linguagem, sua religiosidade própria, suas lutas e vitórias, sob pena de não atingir o coração do povo.

2.3.3. – Mas há uma segunda relação entre liturgia e vida que, no caso do homem simples, é mister acentuar vivamente: celebrar de tal modo, que a missa produza frutos no íntimo da pessoa e na vida comunitária dos participantes.

Para que isto aconteça, o primeiro requisito é conseguir que a comunidade ultrapasse, na celebração, a mera realização externa dos ritos e chegue a uma vivência interior dos mistérios celebrados, segundo as palavras da Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “É dever dos pastores vigiar que, na ação litúrgica, não só se observem as leis para a válida e lícita celebração, mas que os fiéis participem dela com conhecimento de causa, ativa e frutuosa” (SC 11; cf. SC 19)<sup>21</sup>. Isto exige, além duma evangelização prévia, o uso de monições oportunas e a criação de um clima de oração durante o ato litúrgico.

Assim, ao penetrar com maior consciência no significado das ações litúrgicas, a comunidade cresce na sua adesão a Cristo e progride no processo de uma sincera e profunda conversão.

2.3.4. – Essa atitude interior se traduzirá mais facilmente em comportamentos pessoais e comunitários, capazes de manifestar o mistério celebrado. Desta maneira, a missa se tornará poderoso fator de libertação das pessoas e transformação do meio ambiente.

O Documento de Medellín (1968) sintetiza estas considerações do seguinte modo:

“... O gesto litúrgico não é autêntico, se não implica um compromisso de caridade, e um esforço sempre renovado para ter os sentimentos de Cristo Jesus e uma contínua conversão. Esta celebração, para ser sincera e plena, deve conduzir tanto às diversas obras de caridade e ao auxílio mútuo, como à ação missionária e às várias formas do testemunho cristão” (Med. 9,3; cf. PO 6)<sup>22</sup>.

## 2.4. - Gestos e símbolos

2.4.1. – A psicologia do homem simples revela uma preferência pelo “agir” e “fazer” e pelo emprego de símbolos; ao contrário, mostra-se avessa às formulações conceituais e meramente verbais de suas vivências (cf. acima, 1.1).

Daí a importância de deixar o povo se exprimir com gestos, símbolos, dramatizações, numa celebração litúrgica adequada ao seu universo mental. Pois, o gesto corporal “exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes” (IGMR, 20)<sup>23</sup>.

Aqui urge aplicar o que se diz na Constituição sobre a Sagrada Liturgia: “Para promover uma participação ativa, trate-se de incentivar as aclamações do povo, as respostas, a salmodia, as antifonas e cânticos, bem como as ações ou gestos e o porte do corpo. A seu tempo, seja também guardado o sagrado silêncio” (SC 30; IGMR 20, 22 e 23)<sup>24</sup>.

2.4.2. – Cuide-se para que os gestos escolhidos não sejam artificiais, mas expressivos e tirados da vida real da comunidade. Neste sentido, a vivência cotidiana do povo simples oferece uma grande variedade de expressões. Lembremos apenas algumas, à guisa de

exemplos: as procissões (com cruz e velas) posições e inclinações do corpo, gestos com as mãos (bater palmas, dar as mãos), entrega simbólica de objetos, oferecimento de donativos (sobretudo em gêneros), preparação e ornamentação da mesa da eucaristia, tocar instrumentos musicais ou marcar o ritmo dos cantos, acender velas, beijar e incensar imagens e o altar, saudação da paz, gesto de perdão ou de cumprimentos.

## 2.5. - O canto

2.5.1. – O canto, segundo declara a Igreja, “faz parte necessária ou integrante da liturgia solene” (SC 112)<sup>25</sup>. “O canto popular religioso seja inteligentemente incentivado, de modo que os fiéis possam cantar nos pios e sagrados exercícios e nas próprias ações litúrgicas” (SC 118)<sup>26</sup>. E na Instrução Geral sobre o Missal Romano se diz: “Dê-se grande valor ao uso do canto nas celebrações, tendo em vista a índole dos povos e as possibilidades de cada assembléia” (IGMR 19)<sup>27</sup>.

2.5.2. – O que nestas declarações se determina, merece uma consideração especial, em se tratando de missa com povo simples. Para que esse povo possa expressar-se mais a seu modo, é preciso que se deixe liberdade de escolha dos cantos em uso no meio em que vive. Além disso, incentive-se a criação de cantos pela própria comunidade, sem excluir a execução de cantos de outras proveniências. A fim de sustentar o canto e nutrir a meditação da comunidade, sejam utilizados os instrumentos musicais disponíveis em cada local e condizentes com o espírito da liturgia (violão, sanfona, flauta, pandeiro, atabaque, maraca etc. cf. MS 55)<sup>28</sup>.

2.5.3. – Para facilitar a participação e maior compreensão dos cantos do ordinário da missa, tais como o “Senhor, tende piedade”, o “Glória”, o “Creio”, o “Santo”, o “Cordeiro de Deus”, é lícito substituir o texto oficial por formulações populares dos mesmos, desde que guardem fidelidade ao espírito e ao sentido do texto litúrgico (cf. DMCr. 31, MS 54 e 55)<sup>29</sup>.

## 2.6. - Tempo e lugar

2.6.1. – Na escolha do dia e hora, atenda-se à conveniência do povo, para que o maior número de pessoas possa estar presente à celebração. Ordinariamente, nestas celebrações se necessita de mais tempo.

2.6.2. – Quanto ao local, mesmo que ordinariamente se utilize uma igreja ou capela, em certos casos poderá ser preferível outro recinto mais apropriado. Os critérios para a escolha do local mais conveniente são as circunstâncias peculiares em que vive a comunidade e as melhores condições para escutar a Palavra de Deus e celebrar a eucaristia (cf. IGMR 253 e DMCr. 26)<sup>30</sup>.

2.6.3. – Na construção de igrejas ou locais de celebração, tenha-se em conta o estilo de vida da gente simples e procure-se assegurar a devida liberdade de uso por parte de todos os membros da comunidade, sem fazer concessões aos interesses de grupos ou pessoas.

## CAPÍTULO III: AS PARTES DA MISSA

Respeitando a estrutura geral da missa conforme as diversas partes da celebração, se sugerem as seguintes adaptações, para que o povo simples chegue a expressar o mistério da fé dentro das condições de sua cultura (cf. EN 63)<sup>31</sup>.

A conservação de certas fórmulas, porém, como os diálogos, facilita a oração em comum e a integração das pessoas em outras comunidades.

### 3.1. - Ritos iniciais

3.1.1. – Para o homem simples, a multiplicidade de ritos introdutórios, ao invés de criar disposições favoráveis e concentrá-lo “para ouvir atentamente a Palavra de Deus e celebrar dignamente a eucaristia” (IGMR 24)<sup>32</sup>, pode desviar sua atenção para pormenores menos importantes.

Por isso, é lícito omitir um ou outro rito inicial e desenvolver mais extensamente um deles, sem nunca eliminar a oração presidencial “coleta”. Cuide-se, no entanto, de não omitir invariavelmente o mesmo rito (cf. DMCr. 40)<sup>33</sup>.

3.1.2. – Desde o início se atente para o valor do canto litúrgico como fator importante de integração da comunidade.

3.1.3. – Com palavras espontâneas e breves, o presidente acolha a comunidade e a introduza no espírito próprio da celebração.

3.1.4. – Além dos ritos à escolha, propostos pelo Missal Romano para o ato penitencial, permitem-se cantos populares ou outras expressões que se julgarem mais aptas para externar os sentimentos de penitência e conversão.

3.1.5. – Para a coleta, as orações sobre as oferendas e depois da comunhão, o celebrante escolha, livre e criteriosamente, dentre os textos do Missal Romano, respeitando, no entanto, o tempo litúrgico (cf. DMCr. 50)<sup>34</sup>.

Nem sempre, porém, estes textos estão formulados de tal modo que expressem a vida do homem simples e sua experiência religiosa.

Por isso, tendo em conta a assembléia concreta e suas condições, o celebrante pode dar uma formulação popular, sem quebrar a fidelidade ao conteúdo substancial destas orações (cf. DMCr. 51)<sup>35</sup>.

### **3.2. - Liturgia da Palavra**

3.2.1. – Se numa comunidade sem padre a Palavra de Deus for normalmente celebrada de modo adequado à assembléia, pode-se conservar na missa o mesmo estilo, desde que se respeite a natureza própria desta parte da missa.

3.2.2. – As leituras sejam ordinariamente introduzidas com breves palavras, aptas a prender a atenção dos ouvintes e a facilitar a compreensão do texto.

3.2.3. – Cuide-se de que a proclamação da Palavra de Deus seja feita da melhor forma: clara, pausada, comunicativa. A repetição, às vezes, agrada e aproveita mais ao povo do que a multiplicidade ou extensão dos textos.

Quanto ao modo de proclamar as leituras, sempre que o gênero literário permitir, distribua-se o texto entre vários leitores ou atores, como se faz, por exemplo, na leitura da paixão.

3.2.4. – Nunca se omita a proclamação do texto bíblico, embora este possa, a seguir, ser recontado ou parafraseado por um ou mais dos presentes.

3.2.5. – Por razões pastorais, é lícito escolher apenas uma ou duas das leituras da missa do dia, mantendo-se sempre o texto do Evangelho. É recomendável que o órgão competente da CNBB prepare um lecionário próprio para as missas com grupos populares, incluindo textos para os tempos litúrgicos, para os domingos e para as festas principais. Preveja-se uma seleção de leituras para aqueles locais, em que a missa é celebrada com menor frequência, a fim de focalizar as mensagens centrais do mistério cristão.

3.2.6. – Além das versões da Bíblia já admitidas para a liturgia, pode-se usar qualquer outra versão aprovada por autoridade eclesiástica e que seja mais adequada à cultura e linguagem dos ouvintes.

3.2.7. – Entre as leituras, cante-se um salmo que favoreça a meditação da palavra escutada; pode-se também escolher um canto popular apropriado ou o aleluia com algum verso, ou sugerir um silêncio meditativo, ou ainda, solicitar reflexões, em voz alta, de alguns dos presentes.

Quando há somente a leitura do Evangelho, o canto pode ser executado depois da homilia.

3.2.8. – A homilia, diferente do sermão, é parte integrante de toda a liturgia da Palavra. Ela se torna absolutamente indispensável no caso do povo simples, para que este possa compreender a mensagem bíblica.

Convém que a homilia, quando oportuno, tome a forma de diálogo, em que os fiéis são convidados a dar depoimentos, contar fatos da vida, expressar suas reflexões, sugerir aplicações concretas da Palavra de Deus. Conforme as circunstâncias, poderá haver reflexão em grupos, seguida de um breve plenário e a complementação de quem preside.

3.2.9. – Em vez da recitação do “Creio”, ou do canto de versão popular do ato de fé (cf. DMCr. 31)<sup>36</sup>, a comunidade pode professar a fé em forma de perguntas e respostas, à semelhança do que ocorre no rito do batismo e na vigília pascal.

3.2.10. – Na formulação das intenções da prece dos fiéis, sem negligenciar a abertura para os grandes problemas e acontecimentos da Igreja universal e da humanidade inteira (cf. IGMR 46)<sup>37</sup>, dê-se lugar proeminente às necessidades mais sentidas pela comunidade.

### 3.3. - Liturgia eucarística

3.3.1. – A liturgia eucarística tem início ao se transportar para o altar o pão, o vinho e a água. É conveniente que membros da própria assembléia participem da preparação desta mesa, colocando nela toalhas, velas, flores, cálice, missal, bem como o pão, o vinho e a água para o sacrifício eucarístico.

Em certas ocasiões, este rito se tornará mais expressivo se o povo depositar, em lugar conveniente, donativos em gêneros ou dinheiro para atender às necessidades dos pobres ou da igreja; ou ainda, se levar para junto do altar símbolos alusivos à comemoração realizada naquele dia ou a algum aspecto da vida da comunidade (cf. IGMR 49)<sup>38</sup>.

3.3.2. – Antes de iniciar o diálogo do prefácio, é importante que o presidente da celebração chame a atenção de todos para o acontecimento central da missa, que torna presente o sacrifício de Cristo na ceia eucarística.

Este também pode ser um dos momentos oportunos para convidar a comunidade a dizer os seus motivos de ação de graças e a uni-los à grande ação de graças da Igreja: eucaristia (cf. DMCr. 22)<sup>39</sup>.

3.3.3. – Considerando que em sua expressão verbal o povo simples lança mão de um vocabulário restrito, poderão ser usadas com proveito, além das anáforas já em vigor, também as três orações eucarísticas adaptadas à linguagem das crianças.

3.3.4. – Sendo o prefácio uma solene louvação que culmina com a aclamação do “Santo”, cantado pelo povo, é conveniente que os órgãos competentes da CNBB proponham versões em linguagem de fácil compreensão para o povo simples, ao menos para os prefácios das festas principais.

3.3.5. – Considerando que as aclamações do povo constituem uma forma de participação ativa da comunidade na grande Oração Eucarística de quem preside, convém proporcionar maior número e variedade de tais aclamações. Para intensificar ainda mais essa participação ativa do povo, as aclamações sejam de preferência cantadas e oportunamente acompanhadas de gestos.

3.3.6. – O Pai-nosso, sobretudo quando cantado, é especialmente apto para estimular o sentimento de fraternidade e solidariedade cristãs. Este sentimento pode, além disso, ser expresso por gestos, desde que harmonizem com o gesto do povo. Além do Pai-nosso, são de grande importância na estrutura desta parte da missa, a fração do pão e o convite para a comunhão (cf. DMCr. 53)<sup>40</sup>.

3.3.7. – A saudação da paz, como preparação à comunhão, exprime a fraternidade em Cristo, fonte de toda paz. Ocasionalmente pode também ser dada em outro momento, por exemplo, no início da missa como saudação, no ato penitencial como reconciliação, após a homilia como perdão das ofensas ou propósito de realizar alguma ação em comum, no final da missa como despedida ou cumprimento (pêsames, parabéns).

3.3.8. – Os sentimentos de alegria e fraternidade que devem animar os comungantes, encontrem também no canto a sua adequada expressão. Escolham-se, pois, para a procissão da comunhão, cantos conhecidos e realmente adaptados à comunidade reunida. Em ocasiões mais festivas, a comunhão sob as duas espécies contribuirá para que os fiéis se sintam ainda mais próximos do mistério.

#### **3.4. - Ritos de conclusão**

3.4.1. – Os avisos que dizem respeito à vida da comunidade sejam dados, de preferência, pelas próprias pessoas que estão ligadas a tais iniciativas. Não se omitam comunicações sobre atividades de outras comunidades e da Igreja universal.

3.4.2. – No fim da missa, além da bênção, haja uma verdadeira despedida, humana e fraterna, em que se exorte a comunidade a testemunhar pela vida a realidade celebrada.

#### **OBSERVAÇÕES FINAIS**

O presente Diretório não tem caráter preceptivo, mas visa apenas oferecer às Igrejas Particulares pistas que favoreçam a participação popular na Liturgia da missa. Os frutos pastorais que dele se esperam, dependem do cuidado com que suas orientações forem introduzidas, com adequada preparação dos celebrantes e das comunidades populares, observando diligentemente os limites estabelecidos para as adaptações.

### **ANEXO: DIRETÓRIO PARA MISSAS COM CRIANÇAS**

#### **INTRODUÇÃO**

1. A Igreja deve, de modo especial, cuidar das crianças batizadas, cuja iniciação deve ainda ser completada pelos sacramentos da confirmação e da eucaristia, bem como das recém admitidas na sagrada comunhão. Hoje, as circunstâncias em que se desenvolvem as crianças, pouco favorecem ao seu progresso espiritual<sup>41</sup>. Além disso, os pais, com freqüência, deixam de cumprir as obrigações da educação cristã, contraídas no batismo de seus filhos.

2. Quanto à formação das crianças na Igreja, surge uma dificuldade especial pelo fato de as celebrações litúrgicas, principalmente as eucarísticas, não poderem exercer nelas sua força pedagógica inata<sup>42</sup>. Embora já seja lícito, na missa, fazer uso da língua materna, contudo as palavras e os sinais não estão suficientemente adaptados à capacidade das crianças.

Na realidade as crianças, na sua vida cotidiana, nem sempre compreendem tudo o que experimentam na convivência com os adultos, sem que isto lhes ocasione algum tédio. Por esse motivo, não se pode pretender que na liturgia todos e cada um de seus elementos lhes sejam compreensíveis. Poder-se-ia, entretanto, causar às crianças um dano espiritual se, repetidamente e durante anos, elas não compreendessem quase nada das celebrações; pois recentemente a psicologia moderna comprovou quão profundamente podem as crianças viver a experiência religiosa, desde sua primeira infância, graças à especial inclinação religiosa de que gozam<sup>43</sup>.

3. A Igreja, seguindo o seu Mestre, que, “abraçando... abençoava” os pequeninos (Mc 10,16)<sup>44</sup>, não pode abandonar as crianças nesta situação, entregues a si mesmas. Por este motivo, imediatamente após o Concílio Vaticano II, que já na Constituição sobre a Sagrada Liturgia falara sobre a necessidade de uma adaptação da liturgia para os diversos grupos<sup>45</sup>, sobretudo no primeiro Sínodo dos Bispos, realizado em Roma no ano de 1967 começou a considerar, com maior empenho, como as crianças poderiam participar mais facilmente da liturgia.

Naquela ocasião, o presidente do Conselho Executor da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, usando de palavras bem claras, disse que não se tratava, na verdade, de “elaborar um rito inteiramente especial, mas de consertar, abreviar ou omitir alguns elementos, ou de selecionar alguns textos mais adequados”<sup>46</sup>.

4. Depois que a Instrução Geral do Missal Romano restaurado, publicada em 1969, tudo resolveu para a celebração eucarística com o povo, esta Congregação, após considerar os freqüentes pedidos provenientes de todo o orbe católico, começou a preparar um Diretório próprio para as missas com crianças como suplemento desta Instrução, com a colaboração de homens e mulheres peritos de quase todas as nações.

5. Este Diretório, bem como a Instrução Geral, reservou certas adaptações às Conferências dos Bispos ou a cada Bispo em particular<sup>47</sup>.

As próprias Conferências devem propor à Sé Apostólica, para que sejam introduzidas com o seu consentimento, conforme o artigo 40 da Constituição da Sagrada Liturgia, as adaptações que julgarem necessárias à missa para crianças segundo o seu parecer, visto que elas não podem constar de Diretório geral.

6. O Diretório visa as crianças que ainda não atingiram a idade chamada de pré-adolescência. De per si, não se refere às crianças com impedimentos físicos ou mentais, posto que para elas se requer geralmente uma adaptação mais profunda<sup>48</sup>; contudo, as normas seguintes se podem aplicar também a elas, com as devidas acomodações.

7. No primeiro capítulo do Diretório (números 8 a 15) estabelece-se como que o fundamento, onde se discorre sobre o variado encaminhamento das crianças para a liturgia eucarística; o outro capítulo trata brevemente do caso de missas com adultos (números 16 e 17) das quais as crianças também participam; finalmente o terceiro capítulo (números 20 a 54) versa mais pormenorizadamente sobre as missas para crianças, das quais somente participam uns poucos adultos.

## **CAPÍTULO I: EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS PARA ACELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA**

8. Como não se pode cogitar de uma vida plenamente cristã sem a participação nas ações litúrgicas, em que, reunidos, os fiéis celebram o mistério pascal, a iniciação religiosa das crianças não pode ficar alheia a esta finalidade<sup>49</sup>.

A Igreja, ao batizar as crianças e confiante nos dons inerentes a este sacramento, deve cuidar que os batizados cresçam em comunhão com Cristo e seus irmãos, cujo sinal, e penhor é a participação da mesa eucarística, para a qual as crianças serão preparadas ou em cuja significação mais profundamente introduzidas. Esta formação

litúrgica e eucarística não pode desvincular-se de sua educação geral tanto humana quanto cristã; e até seria nocivo se a formação litúrgica carecesse de tal fundamento.

9. Portanto, os que têm a seu cargo a educação das crianças, devem envidar todos os esforços para conseguirem tal empenho, a fim de que elas, embora já conscientes de um certo sentido de Deus e das coisas divinas, experimentem, segundo a idade e o progresso pessoal, os valores humanos inseridos na celebração eucarística, tais como: ação comunitária, acolhimento, capacidade de ouvir, bem como a de pedir e dar perdão, ação de graça, percepção das ações simbólicas, da convivência fraterna e da celebração festiva<sup>50</sup>.

É próprio da catequese eucarística, conforme o n° 12, atualizar tais valores humanos de tal modo que as crianças gradativamente abram o espírito, segundo sua idade, condições psicológicas e sociais, para perceber os valores cristãos e celebrar o mistério do Cristo<sup>51</sup>.

10. A família cristã desempenha papel principal na transmissão destes valores humanos e cristãos<sup>52</sup>. Por este motivo a formação cristã que se oferece aos pais ou a outras pessoas encarregadas da educação, deve ser bem aprimorada também levando-se em conta a formação litúrgica das crianças.

Pela consciência do dever livremente aceito no batismo de seus filhos, os pais são obrigados a ensinar-lhes gradativamente a orar, rezando diariamente com eles e procurando fazer com que rezem sozinhos<sup>53</sup>. Se as crianças, assim preparadas desde tenra idade, participam da missa com a família, todas as vezes que o desejarem, mais facilmente começarão a cantar e a rezar na comunidade litúrgica e até, de alguma maneira, poderão pressentir o mistério eucarístico.

Encontrando-se os pais arrefecidos na fé, se assim mesmo desejarem a instrução cristã dos filhos, pelo menos que eles sejam convidados a partilhar com as crianças dos valores humanos acima referidos e, dada a ocasião, a tomar parte tanto nas reuniões de pais como nas celebrações não-eucarísticas que se fazem com as crianças.

11. Ademais, as comunidades cristãs, a que pertence cada uma das famílias ou em que vivem as crianças, têm um dever a cumprir para com as crianças batizadas na Igreja.

A comunidade cristã, apresentando o testemunho do Evangelho, vivendo a caridade fraterna, celebrando ativamente os mistérios do Cristo, é ótima escola de instrução cristã e litúrgica para as crianças que nela vivem.

No seio da comunidade cristã, os padrinhos ou qualquer pessoa zelosa que colabora na educação cristã, movida pelo ardor apostólico, pode proporcionar às famílias um grande auxílio para catequizar devidamente as crianças.

Particularmente os jardins de infância, as escolas católicas, bem como vários outros grupos de crianças se prestam para estes mesmos fins.

12. Embora a própria liturgia, por si mesma, já ofereça às crianças amplo ensinamento<sup>54</sup>, a catequese da missa merece um lugar de destaque dentro da instrução catequética, tanto escolar como paroquial<sup>55</sup>, conduzindo-as a uma participação ativa, consciente e genuína<sup>56</sup>. Esta catequese, "bem adaptada à idade e à capacidade das crianças, deve tender a que conheçam a significação da missa por meio dos ritos principais e pelas orações, inclusive o que diz respeito à participação da vida da Igreja"<sup>57</sup>; isto se refere, principalmente, aos textos da própria Prece Eucarística e às aclamações, por meio das quais as crianças dela participam.

Digna de especial menção é a catequese pela qual as crianças são preparadas para a primeira comunhão. Nesta preparação deverão aprender não só as verdades de fé

sobre a eucaristia, mas também como poderão nela participar ativamente com o povo de Deus, plenamente inseridas no corpo de Cristo, tomando parte na mesa do Senhor e na comunidade dos irmãos, depois de serem preparadas pela penitência de acordo com a sua capacidade.

13. Celebrações de várias espécies também podem desempenhar um papel na formação litúrgica das crianças e na sua preparação para a vida litúrgica da Igreja. Por força da própria celebração, as crianças percebem, mais facilmente, certos elementos litúrgicos, como a saudação, o silêncio, o louvor comunitário, sobretudo se for cantado. Cuide-se, todavia, que estas celebrações não se revistam de uma índole demasiadamente didática.

14. A Palavra de Deus deve ocupar cada vez mais um lugar de destaque nestas celebrações, sempre adaptadas à capacidade das crianças. E ainda mais, segundo a capacidade espiritual, mais freqüentemente façam-se com elas as sagradas celebrações propriamente ditas da Palavra de Deus, principalmente no tempo do advento e da quaresma<sup>58</sup>. Estas celebrações, junto às crianças, podem favorecer em grande escala o interesse pela Palavra de Deus.

15. Toda formação litúrgico-eucarística, feitas as devidas ressalvas, deve ser sempre orientada para que a vida das crianças corresponda cada vez mais ao Evangelho.

## **CAPÍTULO II: MISSAS DE ADULTOS, DAS QUAIS TAMBÉM AS CRIANÇAS PARTICIPAM**

16. Em muitos lugares, principalmente aos domingos e nos dias de festa, celebram-se missas paroquiais de que não poucas crianças participam juntamente com grande número de adultos. Nestas ocasiões, o testemunho dos fiéis adultos pode ter grande efeito junto a elas. Mas também eles recebem um proveito espiritual ao perceber, em tais celebrações, o papel que as crianças desempenham na comunidade cristã. Se nestas missas participam as crianças junto com seus pais e outros parentes, fomenta-se grandemente o espírito cristão da família.

As próprias criancinhas, que não podem ou não querem participar da missa, podem ser apresentadas ao final da mesma para receber a bênção juntamente com a comunidade, depois que, por exemplo, algumas pessoas auxiliares da paróquia as tenham entretido durante a missa, em lugar separado.

17. Entretanto, nas missas deste gênero, deve-se precaver cuidadosamente para que as crianças não se sintam esquecidas em virtude da incapacidade de participar e entender aquilo que se realiza e proclama na celebração. Leve-se, pois, em consideração a sua presença, por exemplo, dirigindo-se a elas com certas monições apropriadas no começo e no final da missa, em alguma parte da homilia etc.

Mais ainda, de vez em quando, se o permitirem as circunstâncias do lugar e das pessoas, pode ser conveniente celebrar com as crianças a Liturgia da Palavra com sua homilia, em lugar separado, mas não distante demais, e logo ao iniciar-se a Liturgia Eucarística, sejam reunidas aos adultos, no lugar onde estes celebraram a Liturgia da Palavra.

18. Pode ser de grande utilidade confiar às crianças alguns ofícios nestas missas, como, por exemplo, levar as oferendas, executar um ou dois cantos da missa.

19. Algumas vezes, se são muitas as crianças que participam destas missas, convirá organizá-las de forma mais adequada a elas. Neste caso a homilia será dirigida a elas, porém em forma que seja também proveitosa para os adultos. Além das adaptações previstas no ordinário da missa, podem-se também introduzir nas missas para adultos, com a participação também das crianças, algumas das que se indicarão no capítulo seguinte, se o Bispo permitir.

### **CAPÍTULO III: MISSAS DE CRIANÇAS, DAS QUAIS SOMENTE ALGUNS ADULTOS PARTICIPAM**

20. Além das missas em que tomam parte as crianças junto com seus pais e alguns familiares, e que nem sempre e nem em qualquer lugar podem ser realizadas, recomendam-se, sobretudo durante a semana, celebrações de missas somente para crianças, com a participação apenas de alguns adultos. Desde o início da restauração litúrgica<sup>59</sup>, viu-se a necessidade de adaptações especiais para estas missas, de que se falará logo abaixo e de forma geral (n.54).

21. Deve-se ter sempre diante dos olhos que tais celebrações eucarísticas devem encaminhar as crianças para as missas de adultos, principalmente para a missa dominical, que reúne toda a comunidade cristã<sup>60</sup>. Portanto, afora as adaptações necessárias por causa da idade dos participantes, não se pode chegar a ritos completamente especiais que demasiadamente difiram do ordinário da missa celebrada com o povo<sup>61</sup>. A finalidade de cada um dos elementos deve corresponder ao que se determina sobre eles na Instrução Geral do Missal Romano, ainda que alguma vez, por razões pastorais, não se possa conservar sua igualdade absoluta.

### **OFÍCIOS E MINISTÉRIOS DA CELEBRAÇÃO**

22. Os princípios da participação ativa e consciente valem, de certa maneira, "a fortiori", se as missas são celebradas com crianças. Portanto, tudo se faça para fomentar e tornar mais viva e profunda esta participação. Para este fim, confiêm-se ao maior número de crianças, tarefas especiais na celebração, tais como: preparar o lugar e o altar (cf. n.29), assumir o ofício de cantor (cf. n.24), cantar no coral, tocar algum instrumento musical (cf. n.32), proclamar as leituras (cf. n.24 e 47), responder durante a homilia (cf. n.8), recitar as intenções da prece dos fiéis, levar as oferendas para o altar, e outras ações semelhantes segundo os costumes dos diversos povos (cf. n.34).

Certas adições podem favorecer, algumas vezes, a participação, como por exemplo: explicar as motivações para a ação de graças antes que o sacerdote inicie o diálogo do Prefácio. Em tudo isto leve-se em conta que as ações externas podem tornar-se infrutuosas e até chegar a ser nocivas, se não favorecerem a participação interna das crianças. Por isso o sagrado silêncio também tem sua importância nas missas para crianças (cf. n.37). Atenda-se, com grande cuidado, que as crianças não se esqueçam de que todas estas formas de participação têm seu ponto mais alto na comunhão eucarística, na qual o corpo e o sangue de Cristo são recebidos como alimento espiritual<sup>62</sup>.

23. O sacerdote que celebra a missa com as crianças esmere-se de todo o coração para fazer uma celebração festiva, fraterna e meditativa<sup>63</sup>; pois, mais que nas missas com adultos, estas disposições dependem da forma de celebrar do sacerdote, de sua preparação pessoal e mesmo de sua forma de atuar e de falar. Sobretudo, atenda à dignidade, clareza e simplicidade dos gestos. Ao falar às crianças procurará expressar-se de tal maneira que o entendam facilmente, evitando, porém, expressões demasiadamente pueris.

As monições facultativas<sup>64</sup> não de conduzir as crianças a uma participação litúrgica autêntica e não se tornem explicações meramente didáticas.

Para mover os corações das crianças, ajudará muito se o sacerdote empregar suas palavras nas monições, por exemplo, do ato penitencial, antes das orações sobre as oferendas, ao Pai nosso, ao dar a paz, ou ao distribuir a comunhão.

24. Como a eucaristia é sempre uma ação de toda a comunidade eclesial, convém que participem da missa também alguns adultos, não como vigias, senão orando com as crianças e para prestar-lhes a ajuda que seja necessária.

Nada impede que um dos adultos que participam da missa com as crianças, lhes dirija a palavra após o Evangelho, com a aprovação do pároco ou do reitor da Igreja, sobretudo se ao sacerdote se torna difícil adaptar-se à mentalidade das crianças. Sigam-se, neste assunto, as normas da Sagrada Congregação para o Clero.

Também nas missas para as crianças deve-se fomentar a diversidade de ministérios, a fim de que a celebração evidencie sua índole comunitária<sup>65</sup>. Os leitores e os cantores, por exemplo, podem ser escolhidos dentre as crianças ou os adultos. Desta sorte, pela variedade de vozes, evitar-se-á também a monotonia.

## LUGAR E TEMPO DA CELEBRAÇÃO

25. A igreja é o lugar principal para a celebração eucarística com as crianças, porém, escolha-se nela um lugar à parte, se for possível, no qual as crianças, segundo o seu número, possam atuar com liberdade, de acordo com as exigências de uma liturgia viva e adequada à sua idade.

Se a igreja não corresponde a estas exigências, será preferível celebrar a eucaristia com as crianças em outro lugar que seja digno e adaptado para a celebração<sup>66</sup>.

26. Para as missas com as crianças, escolha-se o dia e a hora mais conveniente, segundo as circunstâncias em que vivem, de modo que estejam nas melhores condições para escutar a Palavra de Deus e para celebrar a eucaristia.

27. Durante a semana, as crianças podem participar com maior fruto e menor risco de aborrecimento na celebração da missa, se não se celebra todos os dias (por exemplo, nos internatos); além disso, havendo mais tempo entre uma celebração e outra, pode-se preparar melhor.

Nos demais dias, é preferível uma oração em comum, em que as crianças podem participar com mais espontaneidade, ou uma meditação comunitária, ou uma celebração da Palavra de Deus que prolongue as celebrações eucarísticas anteriores e prepare a celebrar mais profundamente as seguintes.

28. Quando é muito grande o número das crianças que celebram a eucaristia, torna-se mais difícil uma participação atenta e consciente. Por isso, podem-se estabelecer vários grupos, não estritamente segundo a idade, mas levando-se em conta seu nível de formação religiosa e sua preparação catequética.

Durante a semana, será oportuno convidar os diversos grupos, em dias distintos, para a celebração do sacrifício da missa.

## PREPARAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

29. Toda celebração eucarística com crianças, principalmente no que se refere às orações, cantos, leituras e intenção da prece dos fiéis, deve ser preparada a tempo e com diligência, em diálogo com os adultos e com as crianças que vão exercer algum ministério na celebração. Convém dar às crianças uma participação direta na preparação e ornamentação, tanto do lugar da celebração como dos objetos necessários, tais como o cálice, a patena, as galhetas etc.

Tudo isto contribui, ademais, para fomentar o sentido comunitário da celebração, sem, contudo, dispensar uma justa participação interna.

## MÚSICA E CANTO

30. O canto, de grande importância em todas as celebrações, sê-lo-á mais ainda nas missas celebradas com as crianças, dado o seu peculiar gosto pela música. Portanto,

deve-se fomentá-lo de toda forma<sup>67</sup>, levando-se em conta a índole de cada povo e as aptidões das crianças presentes.

Sempre que possível, as aclamações, especialmente as que pertencem à Prece Eucarística, de preferência sejam cantadas pelas crianças; caso contrário, sejam recitadas.

31. Para facilitar a participação das crianças no canto do "Glória", "Creio", "Santo" e "Cordeiro de Deus", é lícito adotar as composições musicais apropriadas com versões populares aceitas pela autoridade competente, ainda que literalmente não estejam de acordo com o texto litúrgico<sup>68</sup>.

32. Também nas missas para crianças, "os instrumentos musicais podem ser de grande utilidade"<sup>69</sup>, principalmente se tocados pelas próprias crianças. Eles contribuem para sustentar o canto ou para nutrir a meditação das crianças; ao mesmo tempo exprimem, à sua maneira, a alegria festiva e o louvor de Deus.

Sempre se deve tomar cuidado para que a música não predomine sobre o canto, ou sirva mais de distração que de edificação para as crianças; é preciso que corresponda à necessidade de cada momento em que se faz uso da música durante a missa.

Com as mesmas cautelas, com a devida seriedade e peculiar prudência, a música reproduzida por meios técnicos também pode ser adotada nas missas para crianças, conforme as normas estabelecidas pelas Conferências dos Bispos.

## OS GESTOS

33. É necessário, nas missas para crianças, fomentar com diligência sua participação por meio dos gestos e das atitudes corporais, segundo a sua idade e os costumes locais. Isto é recomendado pela própria natureza da liturgia, como ação de toda a pessoa humana, e também pela psicologia infantil. Têm grande importância não só as atitudes e os gestos do sacerdote<sup>70</sup>, senão também, e mais ainda, a forma de se comportar de todo o grupo de crianças.

Se a Conferência dos Bispos adapta à índole de cada povo, segundo a norma da Instituição Geral do Missal Romano, os gestos que são feitos na Missa<sup>71</sup>, que leve em conta também a situação especial das crianças ou determine as adaptações feitas só para elas.

34. Entre os gestos, merecem menção especial as procissões e outras ações que implicam na participação do corpo.

A entrada processional do sacerdote junto com as crianças pode ser útil para fazê-las sentir melhor o vínculo de comunhão que então se estabelece<sup>72</sup>; a participação, ao menos de algumas crianças, na procissão do Evangelho, torna mais significativa a presença de Cristo que proclama a Palavra a seu povo; a procissão das crianças com o cálice e as oferendas expressa melhor o sentido da preparação dos dons; a procissão da comunhão, bem organizada, ajudará a aumentar a piedade das crianças.

## ELEMENTOS VISUAIS

35. A própria liturgia da missa contém muitos elementos visuais a que se deve dar grande importância nas celebrações para crianças. Merecem especial menção certos elementos visuais próprios dos diversos tempos do ano litúrgico, por exemplo: a adoração da cruz, o círio pascal, as velas na festa da Apresentação do Senhor, a variação de cores e ornamentações litúrgicas.

Além destes elementos visuais próprios da celebração e de seu ambiente, introduzam-se, oportunamente, outros que ajudem as crianças a contemplar as maravilhas de Deus na criação e na redenção e sustentem visualmente sua oração.

Nunca a liturgia deverá aparecer como algo árido e somente intelectual.

36. Por esta mesma razão, pode ser útil o emprego de imagens preparadas pelas próprias crianças, como, por exemplo, para ilustrar a homilia, as intenções da prece dos fiéis ou para inspirar a meditação.

## O SILÊNCIO

37. Também nas missas para crianças o silêncio, como parte da celebração, há de ser guardado a seu tempo<sup>73</sup>, para que não se atribua parte excessiva à atividade externa; pois as crianças também, a seu modo, são realmente capazes de fazer meditação. Contudo, necessitam ser guiadas convenientemente a fim de que aprendam, de acordo com os diversos momentos (por exemplo, depois da comunhão<sup>74</sup> e depois da homilia), a concentrar-se em si mesmas, meditar brevemente, ou a louvar e rezar a Deus em seu coração<sup>75</sup>.

Além disso, deve-se procurar – precisamente com mais cuidado que nas missas com adultos – que os textos litúrgicos sejam proclamados sem precipitação, em forma clara e com as devidas pausas.

## AS PARTES DA MISSA

38. Respeitando sempre a estrutura geral da missa, que “consta de certa maneira de duas partes, a saber: Liturgia da Palavra e Liturgia Eucarística, e também de alguns ritos que iniciam e concluem a celebração”<sup>76</sup>, dentro das diversas partes da celebração parecem necessárias as seguintes adaptações para que as crianças realmente, “por meio dos ritos e das orações”, segundo as leis da psicologia da infância, experimentem, à sua maneira, “o mistério da fé”<sup>77</sup>.

39. A fim de que a missa para crianças não seja demasiadamente diferente da missa com adultos<sup>78</sup>, alguns ritos e textos nunca devem ser adaptados às crianças, como “as aclamações e respostas dos fiéis as saudações do sacerdote”<sup>79</sup>, o Pai nosso, a fórmula trinitária na bênção final com que o sacerdote conclui a missa. Recomenda-se que paulatinamente as crianças vão se acostumando ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano, além do uso do Símbolo dos Apóstolos (vide n.º. 49).

### *a) Ritos iniciais*

40. Uma vez que o rito inicial da missa tem por finalidade “que os fiéis reunidos constituam uma comunidade e se disponham a ouvir atentamente a Palavra de Deus e a celebrar dignamente a eucaristia”<sup>80</sup> deve-se procurar suscitar estas disposições nas crianças, evitando-se a dispersão na multiplicidade dos ritos propostos.

Por isso, é perfeitamente permitido omitir um ou outro elemento do rito inicial, ou talvez desenvolver mais um deles. Porém sempre haja pelo menos um elemento introdutório que seja concluído pela coleta. Na escolha, cuide-se que cada elemento apareça a seu tempo e nenhum seja sempre desprezado.

### *b) Proclamação e explicação da Palavra de Deus*

41. Como as leituras da Sagrada Escritura constituem “a parte principal da liturgia da Palavra”<sup>81</sup>, nunca pode faltar a leitura da Bíblia mesmo nas missas para crianças.

42. Com relação ao número das leituras para os domingos e dias de festa, devem ser observadas as normas dadas pelas Conferências Episcopais. Se as três ou as duas

leituras previstas para os domingos ou dias da semana não podem, senão com dificuldade, ser compreendidas pelas crianças, convém ler somente duas ou uma delas; entretanto, nunca falte a leitura do Evangelho.

43. Se todas as leituras determinadas para o dia não forem adequadas à compreensão das crianças, é permitido escolher as leituras ou a leitura seja do Lecionário do Missal Romano, seja diretamente da Bíblia, mas levando-se em conta os diversos tempos litúrgicos. Recomenda-se, porém, às Conferências Episcopais que elaborem lecionários próprios para as missas com crianças.

Se, por causa da capacidade das crianças, parecer necessário omitir um ou outro versículo da leitura bíblica, far-se-á com cautela e de tal maneira que “não se mutile o sentido do texto ou a mente e o estilo da Escritura”<sup>82</sup>.

44. Entre os critérios de seleção dos textos bíblicos, há que se pensar mais na qualidade que na quantidade. Uma leitura breve nem sempre é por si mesma a mais adequada à capacidade das crianças do que uma leitura mais prolongada. Tudo depende da utilidade espiritual que a leitura lhes pode proporcionar.

45. Evitem-se as paráfrases da Sagrada Escritura uma vez que no próprio texto bíblico “Deus fala a seu povo... e o próprio Cristo, por sua palavra, se acha presente no meio dos fiéis”<sup>83</sup>. Recomenda-se, entretanto, o uso de versões talvez existentes para a catequese das crianças e que tenham sido aprovadas pela autoridade competente.

46. Entre uma leitura e outra devem-se cantar alguns versículos de salmos escolhidos cuidadosamente para a melhor compreensão das crianças, ou um canto ao estilo dos salmos, ou o “Aleluia” com um verso simples. Porém as crianças sempre devem tomar parte nestes cantos. Nada impede que um silêncio meditativo substitua o canto.

Se for escolhida somente uma única leitura, o canto poderá ser executado depois da homilia.

47. Grande importância merecem os diversos elementos que servem para a melhor compreensão das leituras bíblicas, a fim de que as crianças possam assimilá-las e compreendam, cada vez melhor, a dignidade da Palavra de Deus.

Entre estes elementos estão as exortações que precedem as leituras<sup>84</sup> e dispõem as crianças para ouvir atenta e frutuosamente, seja explicando o contexto, seja conduzindo ao próprio texto. Se a missa é do santo do dia, para a compreensão e ilustração das leituras da Sagrada Escritura pode-se narrar algo referente à vida do santo não só na homilia, como também nas monições antes das leituras bíblicas.

Quando o texto da leitura assim o permitir, pode ser útil distribuir entre várias crianças suas diversas partes, tal como se costuma fazer para a proclamação da paixão do Senhor na semana santa.

48. Em todas as missas com crianças deve-se dar grande importância à homilia, pela qual se explica a Palavra de Deus. A homilia destinada às crianças pode realizar-se, algumas vezes, em forma de diálogo com elas, a não ser que se prefira que escutem em silêncio.

49. Quando ao final da Liturgia da Palavra diz-se o credo, pode-se empregar com as crianças o Símbolo dos Apóstolos, posto que faz parte de sua formação catequética.

### *c ) Orações presidenciais*

50. Para que as crianças possam realmente associar-se ao celebrante nas orações presidenciais, o sacerdote pode escolher os textos mais aptos do Missal Romano, levando em conta, entretanto, o tempo litúrgico.

51. Algumas vezes não basta esta livre escolha, para que as crianças possam considerar as orações como expressão de sua própria vida e de sua experiência religiosa<sup>85</sup>, pois as orações foram feitas para os fiéis adultos. Neste caso nada impede que se adapte o texto do Missal Romano às necessidades das crianças, respeitando-se, entretanto, sua finalidade e, de certa maneira, sua substância, e evitando-se tudo o que é estranho ao gênero literário de uma oração presidencial, como, por exemplo, exortações moralizantes e formas de falar demasiado pueris.

52. Na eucaristia celebrada com as crianças, o mais importante deve ser a Oração Eucarística que é o ponto alto de toda a celebração<sup>86</sup>. Muito depende da maneira como o sacerdote recita esta Oração<sup>87</sup> e da forma como as crianças dela participam, escutando em silêncio e por meio de aclamações.

A própria disposição de ânimo que este ponto central da celebração requer, a tranqüilidade e reverência com que tudo se executa, devem levar as crianças a manter o máximo de atenção na presença real de Cristo no altar sob as espécies de pão e vinho, no seu oferecimento, na ação de graças por ele, com ele e nele, e na oblação da Igreja que então se realiza e pela qual os fiéis se oferecem a si mesmos e sua vida inteira com Cristo ao Pai Eterno na unidade do Espírito Santo.

Por enquanto, empregar-se-ão somente as quatro Preces Eucarísticas aprovadas pela autoridade suprema para as missas com adultos e introduzidas no uso litúrgico, enquanto a Sé Apostólica não dispuser outra coisa para as missas com crianças.

#### *d) Ritos antes da comunhão*

53. Terminada a Prece Eucarística, segue-se sempre o Pai nosso, a fração do pão e o convite para a comunhão<sup>88</sup>, pois estes elementos são de grande importância na estrutura desta parte da missa.

#### *e) A comunhão e os ritos seguintes*

54. Tudo deve desenrolar-se de tal maneira que as crianças já admitidas na eucaristia, devidamente dispostas, com tranqüilidade e recolhimento se acerquem da sagrada mesa e participem plenamente do mistério eucarístico. Se for possível, entoar-se-á um canto adequado às crianças, durante a procissão da comunhão<sup>89</sup>.

A exortação que precede a bênção final<sup>90</sup> é muito importante nas missas com crianças, porque elas necessitam que, antes de despedi-las, se lhes dê, em breves palavras, uma certa repetição e aplicação do que ouviram. É sobretudo neste momento que convém fazê-las compreender o nexos entre a liturgia e a vida.

Pelo menos algumas vezes, por ocasião dos tempos litúrgicos e em certos momentos da vida das crianças, o sacerdote utilizará as formas mais ricas de bênção, porém conservando sempre a fórmula trinitária com o sinal da cruz no fim<sup>91</sup>.

55. Tudo o que contém este Diretório visa a que as crianças, celebrando a eucaristia, sem dificuldade e com alegria, possam ir unidas ao encontro do Cristo e estar com ele diante do Pai<sup>92</sup>. E assim formadas pela participação consciente e ativa no sacrifício e no banquete eucarístico, aprendam cada vez mais a anunciar o Cristo dentro e fora de sua casa, entre seus familiares e companheiros, vivendo a fé que "opera pela caridade" (Gl 5,6)<sup>93</sup>.

Este Diretório, preparado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino, foi aprovado e confirmado no dia 22 de outubro de 1973 pelo Sumo Pontífice Paulo VI que ordenou sua publicação.

Da sede da Sagrada Congregação para o Culto Divino, 1º de novembro de 1973, solenidade de Todos os Santos.

Por especial mandato do Sumo Pontífice

JEAN CARDEAL VILLOT  
Secretário de Estado

† A. BUGNINI  
Arcebispo de Diocleciana  
Secretário da S. C. para o Culto Divino

---

**Nota:1**

**Lc 4,18:** "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos".

**Nota:2**

**Lc 10,21:** "Nessa hora, Jesus se alegrou no Espírito Santo, e disse: Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado".

**Nota:3**

**Instrução Geral sobre o Missal Romano 1; cf. SC 10:** "Mas a liturgia é o cume para o qual tende toda a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de que promana sua força. Os trabalhos apostólicos visam a que todos, como filhos de Deus, pela fé e pelo batismo, se reúnam para louvar a Deus na Igreja, participar do sacrifício e da ceia do Senhor. A liturgia também leva os fiéis a serem unânimes na piedade, depois de participarem dos sacramentos pascais, para que na vida conservem o que receberam na fé. A liturgia renova e aprofunda a aliança do Senhor com os homens, na eucaristia, fazendo-os arder no amor de Cristo. Dela, pois, especialmente da eucaristia, como de uma fonte, derrama-se sobre nós a graça e brota com soberana eficácia a santidade em Cristo e a glória de Deus, fim para o qual tudo tende na Igreja".

**Nota:4**

**SC 14:** "A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (1Pd 2, 9; cf. 2, 4-5). Procure-se, por todos os meios, restabelecer e favorecer a participação plena e ativa de todo o povo na liturgia. Ela é a fonte primeira e indispensável do espírito cristão. Os pastores de almas devem, pois, orientar para ela toda sua ação pastoral. Para que isto aconteça, é indispensável que os próprios pastores estejam profundamente imbuídos do espírito e da força da liturgia, tornando-se capazes de ensiná-la aos outros. Deve-se, pois, antes de tudo, dar uma boa formação litúrgica aos clérigos. Por isso, o concílio decidiu estabelecer o que segue".

**Nota:5**

**DMCr. 2:** "Quanto à formação das crianças na Igreja, surge uma dificuldade especial pelo fato de as celebrações litúrgicas, principalmente as eucarísticas, não poderem exercer nelas sua força pedagógica inata. Embora já seja lícito, na Missa, fazer uso da língua materna, contudo as palavras e os sinais não estão suficientemente adaptados à capacidade das crianças. Na realidade as crianças, na sua vida cotidiana, nem sempre compreendem tudo o que experimentam na convivência com os adultos, sem que isto lhes ocasione algum tédio. Por esse motivo, não se pode pretender que na liturgia todos e cada um de seus elementos lhes sejam compreensíveis. Poder-se-ia, entretanto, causar às crianças um dano espiritual se, repetidamente e durante anos, elas não compreendessem quase nada das celebrações; pois recentemente a psicologia moderna comprovou quão profundamente podem as crianças viver a experiência religiosa, desde sua primeira infância, graças à especial inclinação religiosa de que gozam".

**Nota:6**

**SC 14:** "A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido (1Pd 2, 9; cf. 2, 4-5). Procure-se, por todos os meios, restabelecer e favorecer a participação plena e ativa de todo o povo na liturgia. Ela é a fonte primeira e indispensável do espírito cristão. Os pastores de almas devem, pois, orientar para ela toda sua ação pastoral. Para que isto aconteça, é indispensável que os próprios pastores estejam profundamente imbuídos do espírito e da força da liturgia, tornando-se capazes de ensiná-la aos outros. Deve-se, pois, antes de tudo, dar uma boa formação litúrgica aos clérigos. Por isso, o concílio decidiu estabelecer o que segue".

**Nota:7**

**SC 37:** "A Igreja não pretende impor a uniformidade litúrgica. Mostra-se flexível diante de tudo que não esteja vinculado necessariamente à fé e ao bem de toda a comunidade. Interessa-lhe manter e incentivar as riquezas e os dons das diversas nações e povos. Tudo, pois, que não estiver ligado indissolivelmente a erros ou superstições deve ser levado em consideração, conservado e até promovido, podendo mesmo, em certos casos, ser assimilado pela liturgia, desde que esteja em harmonia com o modo de ser e o verdadeiro espírito litúrgico".

**Nota:8**

**SC 38:** “Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas...”.

**Nota:9**

**EN 65:** “Neste sentido, precisamente, houvermos por bem dizer uma palavra clara e repassada de afeto paterno, na altura do encerramento das sessões do Sínodo, insistindo sobre a função do sucessor de São Pedro como princípio visível, vivo e dinâmico da unidade entre as Igrejas e, por conseguinte, da universalidade da única Igreja. Insistíamos também na mesma ocasião na grave responsabilidade que sobre nós incumbe, mas que nós compartilhamos com os nossos Irmãos no Episcopado, de manter inalterável o conteúdo da fé católica que o Senhor confiou aos Apóstolos: traduzido em todas as linguagens, este conteúdo nunca há de sofrer amputações ou ser mutilado; mas sim, revestido pelos símbolos próprios de cada povo, explicitado com as expressões teológicas que têm em conta os meios culturais, sociais e até mesmo raciais diversos, ele deve permanecer o conteúdo da fé católica tal como o magistério eclesial o recebeu e o transmite”.

**Nota:10**

**Med. 9.7:** “Para que a liturgia possa realizar, em plenitude, esses objetivos, necessário se faz:

- a) Uma catequese prévia sobre o mistério cristão e sua expressão litúrgica;
- b) Adaptar-se ao gênio das diversas culturas e encarnar-se nele;
- c) Acolher, portanto, positivamente a pluralidade na unidade, evitando erigir, *a priori*, a uniformidade como princípio;
- d) Manter-se numa situação dinâmica que acompanhe tudo o que houver de são no processo de evolução da humanidade;
- e) Conduzir a uma experiência vital da união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiana, em virtude da qual chegue o cristão ao testemunho de Cristo.

Não obstante, a liturgia, que interpela o homem, não pode reduzir-se a mera expressão de uma realidade humana freqüentemente unilateral ou marcada pelo pecado; pelo contrário, ela a considera, conduzindo-a a seu pleno sentido cristão”.

**Nota:11**

**IGMR 6:** “A presente Instrução, portanto, visa a apresentar as linhas gerais segundo as quais se deve ordenar a celebração eucarística, bem como expor as regras para cada forma particular de celebração. De acordo com o prescrito na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, podem as conferências Episcopais estabelecer normas para seu território, que atendem às tradições e índole dos povos, regiões e diversas assembleias”.

**Nota:12**

cf. **SC 33:** “Embora vise principalmente ao culto da divina majestade, a liturgia contém muitos elementos de instrução para o povo. Na liturgia, Deus fala a seu povo e Cristo anuncia o Evangelho. O povo responde com cânticos e com oração. O sacerdote preside à assembleia em nome de Cristo. As preces que dirige a Deus são feitas em nome do povo e de todos os presentes. Os sinais usados para manifestar as coisas invisíveis foram escolhidos por Cristo e pela Igreja. Todos esses sinais visam à *nossa instrução*, não apenas quando se lê *o que foi escrito* (Rm 15, 4), mas também quando a assembleia ora, canta ou age, alimentando a participação dos fiéis e lhes despertando o espírito para Deus, a fim de que lhe prestem um culto consciente e dele recebam todas as riquezas da graça”.

**Nota:13**

cf. **DMCr. 13:** “Celebrações de várias espécies também podem desempenhar um papel na formação litúrgica das crianças e na sua preparação para a vida litúrgica da Igreja. Por força da própria celebração, as crianças percebem, mais facilmente, certos elementos litúrgicos, como a saudação, o silêncio, o louvor comunitário, sobretudo se for cantado. Cuida-se, todavia, que estas celebrações não se revistam de uma índole demasiadamente didática”.

**Nota:14**

cf. **Documentos da CNBB/2a: Pastoral da Eucaristia, n. 1.4.1:** “Com efeito, as comunidades eclesiais que estão se formando por um processo mais apurado de iniciação evangelizadora em grupos de base, se constituem em assembleias onde a coesão da fraternidade oferece melhores condições de uma liturgia viva, capaz de unir rito e vida, sinal e realidade de união. A unanimidade na fé e no amor, fundada no mútuo conhecimento e na recíproca ajuda, faz perceber que a reunião foi convocada pela Palavra. O progresso da conversão permite uma Assembleia em oração, com participação mais frutuosa graças ao engajamento vivencial e ao crescimento na Fé evangélica que provoca.

É evidente que tais assembleias darão nova vida aos ritos conforme suas necessidades culturais e seu nível de crescimento na fé. Para que os acontecimentos da vida cotidiana possam ocupar lugar explícito nas celebrações, sente-se a necessidade de criar algo que expresse melhor a integração vital no mistério de Cristo; chega-se não raro à conclusão de que é necessário adaptar os ritos propostos que se mostram insuficientes. Diante de iniciativas neste terreno, mera atitude de repressão poderá conduzir tais grupos a agirem à margem da disciplina vigente, com conseqüente prejuízo para a unidade eclesial; por outro lado, a falta de fundamentação histórico-teológica de certos dirigentes (presbíteros ou outros) faz com que algumas celebrações da Eucaristia se afastem não apenas das formas oficiais elaboradas para grande público, mas também da unidade eclesial da liturgia.

Diante destes fatos, é urgente que se dê especial atenção pastoral às celebrações que correspondam às necessidades de tais grupos e lhes permitam uma expressão autêntica da fé, no estágio em que se encontram e com modalidades adaptadas à cultura e formação dos mesmos. Para isso deve-se procurar manter a unidade da liturgia da Igreja com a diversificação das formas, em consonância com o espírito de criatividade que tradicionalmente constitui a riqueza da liturgia e tão sabiamente preconizado pelos documentos conciliares e subsequentes”.

**Nota:15**

**PO 6:** “Como participantes da função de Cristo, cabeça e pastor, os padres, em nome do bispo, reúnem a família de Deus numa única fraternidade em torno de Deus Pai, no Espírito. Para o cumprimento desta missão e exercício de todas as outras funções, o padre recebe um poder espiritual de edificação da Igreja, que o dispõe a tratar a todos com a maior humanidade, a exemplo do Senhor. Não no sentido de querer sempre agradar a

todos, mas levando a admoestá-los como a filhos caríssimos de acordo com as exigências da doutrina e da vida cristã, segundo o que diz o apóstolo: *Insiste, oportuna e inoportunamente, argumenta e corrige, com toda paciência e doutrina*. Como educadores na fé, os sacerdotes, pessoalmente ou por meio de outros, cuidem de cada fiel em particular, para que sigam sua vocação própria, segundo o Evangelho. Ensine-os a agir segundo o Espírito Santo, na caridade e na liberdade pela qual Cristo nos libertou. Pouco adiantam as belas cerimônias ou as associações cheias de vida, se não contribuem para o amadurecimento cristão das pessoas. Em vista desse objetivo, será de grande valia para os sacerdotes analisarem os acontecimentos, grandes e pequenos, em que se manifesta a vontade de Deus. Ensinem os fiéis a não viverem exclusivamente em função de si mesmos. Com as graças que recebeu, cada um deve-se colocar a serviço dos outros e cumprir cristãmente seus deveres na sociedade, de acordo com as exigências da caridade. Embora estejam a serviço de todos, os sacerdotes devem se dedicar de modo especial aos pobres e aos mais fracos, com que o Senhor se mostra mais intimamente unido e cuja evangelização é sinal da obra messiânica. Cuidem igualmente dos jovens. Também dos casais e dos pais, promovendo grupos de amizade e de ajuda mútua na vida cristã, que muito contribuem para enfrentar com maior facilidade os duros problemas do dia-a-dia. Saibam os padres que os religiosos, homens e mulheres, são o que há de mais nobre na casa do Senhor, com direito a toda atenção, em vista de seu proveito espiritual, para o bem de toda a Igreja. Acima de tudo, assistam os doentes e agonizantes, visitando-os e confortando-os. A função pastoral não se limita aos fiéis na sua individualidade, mas visa à formação da comunidade propriamente dita. O espírito comunitário deve ser alimentado tanto na igreja local como em relação à Igreja universal. A comunidade local não guarde para si os seus fiéis, mas estimule seu espírito missionário, para que se empenhem em abrir para todos os homens o caminho de Cristo. Recomenda-se especial cuidado com os catecúmenos e neófitos que devem ser progressivamente levados a conhecer melhor e a praticar a vida cristã. A comunidade cristã se edifica a partir da eucaristia, em que fixa suas raízes e apóia sua estrutura. É a base de todo trabalho pedagógico. A celebração eucarística quando autêntica e plena, leva à prática de todas as obras de caridade, à ação missionária, ao auxílio às missões e a todas as múltiplas formas de testemunho cristão. Sejam verdadeiras mães da comunidade eclesial pela caridade, oração, exemplo e obras de penitência, levando as almas a Cristo. É a forma mais eficaz de preparar o caminho de Cristo e da Igreja, mostrando-o aos que ainda não crêem, de estimular os fiéis e de prepará-los para os combates espirituais. Na edificação da comunidade cristã, os sacerdotes não estejam a serviço de nenhuma ideologia ou partido humanos. Como arautos do Evangelho e pastores da Igreja, trabalhem sempre para o crescimento espiritual do corpo de Cristo".

**Nota:16**

**IGMR 313**; cf. *ibid.* 73: "A eficácia pastoral da celebração aumentará certamente, se os textos das leituras, das orações e dos cânticos corresponderem, na medida do possível, às necessidades, à preparação espiritual e à mentalidade dos participantes. Isto se obterá mais facilmente usando-se a múltipla possibilidade de escolha que se descreve adiante. Por isso, na organização da Missa, o sacerdote levará mais em conta o bem espiritual de toda assembléia do que o seu próprio gosto. Lembre-se ainda de que a escolha das diversas partes deve ser feita de comum acordo com os ministros e todos os que exerçam alguma função especial, inclusive os fiéis naquilo que se refere a eles de modo mais direto. Sendo muito grande a possibilidade de escolha para as diversas partes da Missa, é necessário que antes da celebração o diácono, os leitores, o salmista, o cantor, o comentador, a escola saibam cada um quais os textos que lhes competem, para que nada se faça de improviso, pois a harmoniosa organização e execução dos ritos muito contribuem para dispor os fiéis à participação da Eucaristia".

**IGMR 73**: A preparação prática de cada celebração litúrgica, sob a direção do reitor da igreja e ouvidos também os fiéis naquilo que diretamente lhes concerne, seja feita de comum acordo por todos aqueles a quem diz respeito, seja quanto aos ritos, seja quanto ao aspecto pastoral e musical".

**Nota:17**

cf. **SC 28**: "Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas".

**Nota:18**

cf. **PO 9**: "Em virtude do sacramento da ordem, os sacerdotes do Novo Testamento exercem no povo e para o povo de Deus, as funções importantíssimas e indispensáveis de pais e mestres. Antes disso, porém, juntamente com todos os fiéis, são discípulos do Senhor, constituídos participantes do seu reino pela graça da vocação divina. Os padres são irmãos entre irmãos, no meio de todos os que foram regenerados pelo batismo, membros do mesmo corpo de Cristo cuja edificação depende de todos. Os sacerdotes devem presidir buscando não o seu interesse, mas o de Jesus Cristo, unindo-se aos leigos no trabalho e vivendo no meio deles segundo o exemplo do mestre, que não veio *para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos* (Mt 20, 28). Os padres devem reconhecer a dignidade dos leigos e deixá-los desempenhar o papel que lhes compete na missão da Igreja. Apóiem e prestigiem as justas liberdades, a que todos têm direito na sociedade civil. Escutem os leigos com atenção, acolhendo fraternalmente as suas considerações e lhes reconhecendo a experiência e a competência que têm, nos diversos setores da vida humana, para que possam todos juntos ser sensíveis aos sinais dos tempos. Com discernimento dos espíritos, para ver se são de Deus, saibam reconhecer, na fé, os diversos carismas dos leigos, tanto os mais altos, como os mais humildes, favorecendo a todos. Dentre os diversos dons de Deus, cuidem sobretudo dos inúmeros fiéis chamados a uma vida espiritual mais profunda. Confiem também aos leigos diversos encargos a serviço da Igreja, dando-lhes liberdade e deixando-lhes o espaço necessário para agir, de tal modo que se sintam livres inclusive para tomar iniciativas quando as julgam oportunas. Finalmente, no meio dos leigos, o papel dos padres é encaminhar todos para a união, na caridade, *amando-se mutuamente com caridade e honrando uns aos outros* (Rm 12, 10). Compete-lhes por isso harmonizar os espíritos e fazer com que ninguém se sinta estranho na comunidade. Sejam promotores do bem comum em nome do bispo e defensores da verdade, para que nenhum fiel seja abalado por doutrinas vãs. Cuidem especialmente dos que se afastaram da prática sacramental, ou mesmo da fé, junto aos quais saibam desempenhar o papel do bom pastor. Atentos às recomendações a respeito do ecumenismo, não esqueçam os irmãos que não vivem em plena comunhão conosco. Pensem igualmente em todos que não reconhecem Cristo como salvador. Os fiéis, por sua vez, sintam-se obrigados a acolher os seus padres com amor filial, como

pastores e pais. Participem de suas preocupações e os auxiliem pela oração e pela ação, quanto possível, para que possam superar as dificuldades e cumprir cada vez melhor os seus deveres”.

**Nota:19**

**1Pd 2,5:** “Do mesmo modo, vocês também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo”.

**Nota:20**

**LG 34:** “Jesus Cristo, sacerdote supremo e eterno, quer continuar seu testemunho e seu serviço através dos leigos. Por isso os anima constantemente com seu Espírito e os induz a tudo que é bom e perfeito. Quis então que todos aqueles que tão intimamente associou à sua vida e missão participassem também de sua função sacerdotal, num culto espiritual, para a glória de Deus e a salvação do gênero humano. Por isso, os leigos, como consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, são chamados e dotados de tudo que é preciso para que o mesmo Espírito produza neles frutos cada vez mais abundantes. Realizando no Espírito Santo todas as suas obras, orações, iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso espiritual e corporal, ou mesmo suportando os aborrecimentos da vida com paciência, tornam-se os leigos hóstias espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cf. 1Pd 2, 5), apresentadas piedosamente ao Pai, na eucaristia, com o oferecimento do corpo do Senhor. Agindo em toda parte como adoradores de Deus, os leigos consagram o mundo a Deus”.

**Nota:21**

**SC 11:** “Mas para que seja plena a eficácia da liturgia, é preciso que os fiéis se aproximem dela com as melhores disposições interiores, que seu coração acompanhe sua voz, que cooperem com a graça do alto e não a recebam em vão. Cuidem, pois, os pastores que, além de se observar as exigências de validade e liceidade das celebrações, os fiéis participem da liturgia de maneira ativa e frutuosa, sabendo o que estão fazendo.”

cf. **SC 19:** “Também os fiéis devem participar da liturgia, interior e exteriormente, de acordo com sua idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa. Os pastores atuem pacientemente nesse sentido, sabendo que é um dos principais deveres de quem é chamado a dispensar fielmente os mistérios de Deus. Nesse particular, conduzam o seu rebanho não só com palavras, mas também com o exemplo.”

**Nota:22**

**Med. 9,3:** “A liturgia, momento em que a Igreja é mais perfeitamente ela mesma, realiza, indissoluvelmente unidas, a comunhão com Deus e entre os homens, e de tal modo que aquela é a razão desta. Busca-se, antes de tudo, o louvor da glória da graça, é consciente, também, que todos os homens precisam da glória de Deus para serem verdadeiramente homens. E por isso mesmo o gesto litúrgico não é autêntico se não implica um compromisso de caridade, um esforço sempre renovado por ter os sentimentos de Cristo Jesus, e para uma contínua conversão. A instituição divina da liturgia jamais pode ser considerada como um adorno contingente da vida eclesial, já que nenhuma comunidade cristã se edifica se não tem sua raiz na celebração da Santíssima Eucaristia, pela qual se inicia toda a educação do espírito da comunidade. Esta celebração, para ser sincera e plena, deve conduzir tanto às várias obras de caridade e mútua ajuda, como à ação missionária e às várias formas de testemunho cristão”.

cf. **PO 6:** “Como participantes da função de Cristo, cabeça e pastor, os padres, em nome do bispo, reúnem a família de Deus numa única fraternidade em torno de Deus Pai, no Espírito. Para o cumprimento desta missão e exercício de todas as outras funções, o padre recebe um poder espiritual de edificação da Igreja, que o dispõe a tratar a todos com a maior humanidade, a exemplo do Senhor. Não no sentido de querer sempre agradar a todos, mas levando a admoestá-los como a filhos caríssimos de acordo com as exigências da doutrina e da vida cristã, segundo o que diz o apóstolo: *Insiste, oportuna e inoportuna, argumenta e corrige, com toda paciência e doutrina*. Como educadores na fé, os sacerdotes, pessoalmente ou por meio de outros, cuidem de cada fiel em particular, para que sigam sua vocação própria, segundo o Evangelho. Ensine-os a agir segundo o Espírito Santo, na caridade e na liberdade pela qual Cristo nos libertou. Pouco adiantam as belas cerimônias ou as associações cheias de vida, se não contribuem para o amadurecimento cristão das pessoas. Em vista desse objetivo, será de grande valia para os sacerdotes analisarem os acontecimentos, grandes e pequenos, em que se manifesta a vontade de Deus. Ensinem os fiéis a não viverem exclusivamente em função de si mesmos. Com as graças que recebeu, cada um deve-se colocar a serviço dos outros e cumprir cristãmente seus deveres na sociedade, de acordo com as exigências da caridade. Embora estejam a serviço de todos, os sacerdotes devem se dedicar de modo especial aos pobres e aos mais fracos, com que o Senhor se mostra mais intimamente unido e cuja evangelização é sinal da obra messiânica. Cuidem igualmente dos jovens. Também dos casais e dos pais, promovendo grupos de amizade e de ajuda mútua na vida cristã, que muito contribuem para enfrentar com maior facilidade os duros problemas do dia-a-dia. Saibam os padres que os religiosos, homens e mulheres, são o que há de mais nobre na casa do Senhor, com direito a toda atenção, em vista de seu proveito espiritual, para o bem de toda a Igreja. Acima de tudo, assistam os doentes e agonizantes, visitando-os e confortando-os. A função pastoral não se limita aos fiéis na sua individualidade, mas visa à formação da comunidade propriamente dita. O espírito comunitário deve ser alimentado tanto na igreja local como em relação à Igreja universal. A comunidade local não guarde para si os seus fiéis, mas estimule seu espírito missionário, para que se empenhem em abrir para todos os homens o caminho de Cristo. Recomenda-se especial cuidado com os catecúmenos e neófitos que devem ser progressivamente levados a conhecer melhor e a praticar a vida cristã. A comunidade cristã se edifica a partir da eucaristia, em que fixa suas raízes e apóia sua estrutura. É a base de todo trabalho pedagógico. A celebração eucarística quando autêntica e plena, leva à prática de todas as obras de caridade, à ação missionária, ao auxílio às missões e a todas as múltiplas formas de testemunho cristão. Sejam verdadeiras mães da comunidade eclesial pela caridade, oração, exemplo e obras de penitência, levando as almas a Cristo. É a forma mais eficaz de preparar o caminho de Cristo e da Igreja, mostrando-o aos que ainda não crêem, de estimular os fiéis e de prepará-los para os combates espirituais. Na edificação da comunidade cristã, os sacerdotes não estejam a serviço de nenhuma ideologia ou partido humanos. Como arautos do Evangelho e pastores da Igreja, trabalhem sempre para o crescimento espiritual do corpo de Cristo”.

**Nota:23**

**IGMR, 20:** “Gestos e posições do corpo: A posição comum do corpo, que todos os participantes devem observar, é sinal da comunidade e da unidade da assembléia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes”.

**Nota:24**

**SC 30:** “Para promover a participação ativa do povo, recorram-se a aclamações, respostas, salmodia, antífonas, cânticos, assim como a gestos ou atitudes corporais. Nos momentos devidos, porém, guarde-se o silêncio sagrado”.

**IGMR 20, 22 e 23:** “Gestos e posições do corpo: A posição comum do corpo, que todos os participantes devem observar, é sinal da comunidade e da unidade da assembléia, pois exprime e estimula os pensamentos e sentimentos dos participantes.

22. Entre os gestos incluem-se também os movimentos do sacerdote que se aproxima do altar, da apresentação das oferendas, e da aproximação dos fiéis para receberem a comunhão. Convém que tais ações sejam realizadas com dignidade, enquanto se executam cantos apropriados, segundo as normas estabelecidas para cada uma.

23. Oportunamente, como parte da celebração deve-se observar o silêncio sagrado. A sua natureza depende do movimento em que ocorre em cada celebração. Assim, no ato penitencial e após o convite à oração, cada fiel se recolhe; após uma leitura ou a homília, meditam brevemente o que ouviram; após a Comunhão, enfim, louvam e rezam a Deus no íntimo do coração”.

**Nota:25**

**SC 112:** “Dentre todas as expressões artísticas, a música tradicional da Igreja é de inestimável valor, pois o canto sagrado, que acompanha o texto, é parte indispensável da liturgia solene. As Escrituras, os padres e os papas, especialmente Pio X, no nosso tempo, enaltecem o canto sagrado e tudo fizeram para favorecer o uso da música sacra no serviço do culto. A música sacra é tanto mais santa quanto mais intimamente se articula com a ação litúrgica, contribuindo para a expressão mais suave e unânime da oração ou conferindo ao ritual maior solenidade. No entanto, a Igreja aprova todas as formas de arte, devidamente qualificadas, e as admite no culto divino. Observando as normas e preceitos da tradição eclesial e da disciplina e levando em conta a finalidade da música sacra, que é a glória de Deus e a santificação dos fiéis...”.

**Nota:26**

**SC 118:** “Os cânticos populares religiosos devem ser cultivados, de modo que nas manifestações de piedade, e mesmo nas ações litúrgicas, de acordo com as normas e exigências rituais, possa-se ouvir a voz do povo”.

**Nota:27**

**IGMR 19:** “O Apóstolo aconselha aos fiéis, que se reúnem em assembléia para aguardar a vinda do Senhor, a cantarem juntos salmos, hinos e cânticos espirituais (cf. Col 3,16), pois o canto constitui um sinal de alegria do coração (cf. At 2,46). Por isso, dizia com razão Santo Agostinho: Cantar é próprio de quem ama, e há um provérbio antigo que afirma: Quem canta bem, reza duas vezes. Portanto, dê-se grande valor ao uso do canto nas celebrações, tendo em vista a índole dos povos e as possibilidades de cada assembléia, porém de tal modo, que não seja necessário cantar sempre todos os textos de per si destinados ao canto. Na escolha das partes que de fato são cantadas, deve-se dar preferência às mais importantes e sobretudo àquelas que o sacerdote ou os ministros cantam com respostas do povo; ou então àquelas que o sacerdote e o povo devem preferir simultaneamente. Uma vez que se realizam sempre mais freqüentemente reuniões internacionais de fiéis, convém que aprendam a cantar juntos em latim ao menos algumas partes do Ordinário da Missa, principalmente o símbolo da fé e a oração do Senhor, empregando-se melodias mais simples”.

**Nota:28**

**MS 55:** “Competentis auctoritatis territorialis erit decernere num quidam textus vulgares cum modis musicis connexi, a saeculis anteactis traditi, adhiberi valeant, licet in omnibus cum interpretationibus textuum liturgicorum legitime approbatis non concordent”.

**Nota:29**

cf. **DMCr. 31:** “Para facilitar a participação das crianças no canto do Glória, Creio, Santo e Cordeiro de Deus, é lícito adotar as composições musicais apropriadas com versões populares aceitas pela autoridade competente, ainda que literalmente não estejam de acordo com o texto litúrgico”.

**MS 54 e 55:** “*De melodiis apparandis pro textibus lingua vernacula exaratis* - Competentis auctoritatis territorialis erit decernere num quidam textus vulgares cum modis musicis connexi, a saeculis anteactis traditi, adhiberi valeant, licet in omnibus cum interpretationibus textuum liturgicorum legitime approbatis non concordent”.

**Nota:30**

cf. **IGMR 253:** “Para celebrar, a Eucaristia, o povo de Deus se reúne na igreja ou, na falta desta, em outro lugar conveniente, digno de tão grande mistério. As igrejas e os demais lugares devem prestar-se à execução das ações sagradas e à ativa participação dos fiéis. Além disso, os edifícios sagrados e os objetos destinados ao culto sejam realmente dignos e belos, sinais e símbolos das coisas divinas”.

**DMCr. 26:** “Para as Missas com as crianças, escolha-se o dia e a hora mais conveniente, segundo as circunstâncias em que vivem, de modo que estejam nas melhores condições para escutar a Palavra de Deus e para celebrar a eucaristia”.

**Nota:31**

cf. **EN 63:** “As Igrejas particulares profundamente amalgamadas não apenas com as pessoas, como também com as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, têm o papel de assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transpor, sem a mínima traição à sua verdade essencial, para a linguagem que esses homens compreendam e, em seguida, de a anunciar nessa mesma linguagem.

Uma tal transposição há de ser feita com o discernimento, a seriedade, o respeito e a competência que a matéria exige, no campo das expressões litúrgicas, como de igual modo no que se refere à catequese, à formulação teológica, às estruturas eclesiais secundárias e aos ministérios. E aqui a linguagem deve ser entendida menos no aspecto semântico ou literário do que naquele aspecto que se pode chamar antropológico e cultural. O problema é sem dúvida delicado. A evangelização perderia algo da sua força e da sua eficácia se, porventura, não tomasse em consideração o povo concreto a que se dirige, não utilizasse a sua língua, os seus

sinais e símbolos; depois, não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria a sua vida real. De outro lado, a evangelização correria o risco de perder a sua força e de se desvanecer se fosse despojada ou fosse deturpada quanto ao seu conteúdo, sob o pretexto de a traduzir melhor; o mesmo sucederia, se ao querer adaptar uma realidade universal a um espaço determinado, se sacrificasse essa realidade ou se destruísse a unidade, sem a qual já não subsiste a universalidade. Ora, sendo assim, só uma Igreja que conserva a consciência da sua universalidade e demonstra de fato ser universal, pode ter uma mensagem capaz de ser entendida por todos, passando por cima de demarcações regionais. Uma legítima atenção para com as Igrejas particulares não pode senão vir a enriquecer a Igreja. Tal atenção, aliás, é indispensável e urgente. Ela corresponde às aspirações mais profundas dos povos e das comunidades humanas, a descobrirem cada vez mais a sua fisionomia própria”.

**Nota:32**

**IGMR 24:** “Ritos iniciais: As partes que precedem a Liturgia da Palavra, isto é, entrada, saudação, ato penitencial, Kyrie, Glória e coleta, têm caráter de exórdio, introdução e preparação. Esses ritos têm por finalidade fazer com que os fiéis, reunindo-se em assembléia, constituam uma comunhão e se disponham para ouvir atentamente a palavra de Deus e celebrar dignamente a Eucaristia”.

**Nota:33**

cf. **DMCr. 40:** “Uma vez que o rito inicial da Missa tem por finalidade que os fiéis reunidos constituam uma comunidade e se disponham a ouvir atentamente a Palavra de Deus e a celebrar dignamente a eucaristia deve-se procurar suscitar estas disposições nas crianças, evitando-se a dispersão na multiplicidade dos ritos propostos. Por isso, é perfeitamente permitido omitir um ou outro elemento do rito inicial, ou talvez desenvolver mais um deles. Porém sempre haja pelo menos um elemento introdutório que seja concluído pela coleta. Na escolha, cuide-se que cada elemento apareça a seu tempo e nenhum seja sempre desprezado”.

**Nota:34**

cf. **DMCr. 50:** “Para que as crianças possam realmente associar-se ao celebrante nas orações presidenciais, o sacerdote pode escolher os textos mais aptos do Missal Romano, levando em conta, entretanto, o tempo litúrgico”.

**Nota:35**

cf. **DMCr. 51:** “Algumas vezes não basta esta livre escolha, para que as crianças possam considerar as orações como expressão de sua própria vida e de sua experiência religiosa, pois as orações foram feitas para os fiéis adultos. Neste caso nada impede que se adapte o texto do Missal Romano às necessidades das crianças, respeitando-se, entretanto, sua finalidade e, de certa maneira, sua substância, e evitando-se tudo o que é estranho ao gênero literário de uma oração presidencial, como, por exemplo, exortações moralizantes e formas de falar demasiado pueris”.

**Nota:36**

cf. **DMCr. 31:** “Para facilitar a participação das crianças no canto do Glória, Creio, Santo e Cordeiro de Deus, é lícito adotar as composições musicais apropriadas com versões populares aceitas pela autoridade competente, ainda que literalmente não estejam de acordo com o texto litúrgico”.

**Nota:37**

cf. **DMCr. 46:** “Normalmente serão estas as séries de intenções:

- a) pelas necessidades da Igreja,
- b) pelos poderes públicos e pela salvação de todo o mundo,
- c) pelos que sofrem qualquer dificuldade,
- d) pela comunidade local.

No entanto, em alguma celebração especial, tal como confirmação, Matrimônio, Exéquias, as intenções podem referir-se mais estreitamente àquelas circunstâncias”.

**Nota:38**

**IGMR 49:** “No início da liturgia eucarística são levadas ao altar as oferendas que se converterão no Corpo e Sangue de Cristo. Em primeiro lugar prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificatório, o cálice e o missal, a não ser que se prepare na credência. A seguir trazem-se as oferendas. É louvável que os fiéis apresentem o pão e o vinho que o sacerdote ou o diácono recebem em lugar conveniente e depõem sobre o altar, proferindo as fórmulas estabelecidas. Embora os fiéis já não tragam de casa, como outrora, o pão e o vinho destinados à liturgia, o rito de levá-los ao altar conserva a mesma força e significado espiritual. Também são recebidos o dinheiro ou outros donativos oferecidos pelos fiéis para os pobres ou para a igreja, ou recolhidos no recinto da mesma; serão, no entanto, colocados em lugar conveniente, fora da mesa eucarística”.

**Nota:39**

cf. **DMCr. 22:** “Os princípios da participação ativa e consciente valem, de certa maneira, “a fortiori”, se as Missas são celebradas com crianças. Portanto, tudo se faça para fomentar e tornar mais viva e profunda esta participação. Para este fim, confiêm-se ao maior número de crianças, ofícios especiais na celebração, tais como: preparar o lugar e o altar, assumir o ofício de cantor, cantar no coral, tocar algum instrumento musical, proclamar as leituras, responder durante a homilia, recitar as intenções da prece dos fiéis, levar as oferendas para o altar, e outras ações semelhantes segundo os costumes dos diversos povos. Certas adições podem favorecer, algumas vezes, a participação, como por exemplo: explicar as motivações para a ação de graças antes que o sacerdote inicie o diálogo do Prefácio. Em tudo isto leve-se em conta que as ações externas podem tornar-se infrutuosas e até chegar a ser nocivas, se não favorecerem a participação interna das crianças. Por isso o sagrado silêncio também tem sua importância nas Missas para crianças. Atenda-se, com grande cuidado, que as crianças não se esqueçam de que todas estas formas de participação têm seu ponto mais alto na comunhão eucarística, na qual o corpo e o sangue de Cristo são recebidos como alimento espiritual”.

**Nota:40**

cf. **DMCr. 53:** “Terminada a Prece Eucarística, segue-se sempre o Pai nosso, a fração do pão e o convite para a comunhão, pois estes elementos são de grande importância na estrutura desta parte da missa”.

**Nota:41**

cf. **S. Congregação para o Clero, “Diretório Catequético Geral”, n.5: AAS 64 (1972), p.101-102.**

**Nota:42**

cf. **SC, n.33**: “Embora vise principalmente ao culto da divina majestade, a liturgia contém muitos elementos de instrução para o povo. Na liturgia, Deus fala a seu povo e Cristo anuncia o Evangelho. O povo responde com cânticos e com oração.

O sacerdote preside à assembléia em nome de Cristo. As preces que dirige a Deus são feitas em nome do povo e de todos os presentes. Os sinais usados para manifestar as coisas invisíveis foram escolhidos por Cristo e pela Igreja. Todos esses sinais visam à *nossa instrução*, não apenas quando se lê *o que foi escrito* (Rm 15, 4), mas também quando a assembléia ora, canta ou age, alimentando a participação dos fiéis e lhes despertando o espírito para Deus, a fim de que lhe prestem um culto consciente e dele recebam todas as riquezas da graça. Observem-se, pois, na reforma litúrgica, as seguintes normas gerais”.

**Nota:43**

cf. **S. Congr. para o Clero, “Diretório Catequético Geral”**, n. 78: AAS 64 (1972), p.146-147.

**Nota:44**

**Mc 10,16**: “Então Jesus abraçou as crianças e abençoou-as, pondo a mão sobre elas”.

**Nota:45**

**SC, n. 38**: “Mantida a unidade substancial do rito romano, admitem-se, na própria revisão dos livros litúrgicos, legítimas variações e adaptações aos diversos grupos, regiões e povos, principalmente nas missões, devendo-se prever essas variações na estrutura dos ritos e nas rubricas”.

cf. também a **S. Congr. para o Culto Divino, Instr. da “Actio Pastoralis”**, de 15 de maio de 1969: AAS 61 (1969) págs. 806-811.

**Nota:46**

cf. **A Liturgia no primeiro Sínodo dos Bispos**: Notitiae 3 (1967), pág. 368.

**Nota:47**

cf. **a seguir os números 19, 23 e 33**: “19. Algumas vezes, se são muitas as crianças que participam destas missas, convirá organizá-las de forma mais adequada a elas. Neste caso a homilia será dirigida a elas, porém em forma que seja também proveitosa para os adultos. Além das adaptações previstas no ordinário da missa, podem-se também introduzir nas missas para adultos, com a participação também das crianças, algumas das que se indicarão no capítulo seguinte, se o Bispo permitir.

23. O sacerdote que celebra a missa com as crianças esmere-se de todo o coração para fazer uma celebração festiva, fraterna e meditativa; pois, mais que nas missas com adultos, estas disposições dependem da forma de celebrar do sacerdote, de sua preparação pessoal e mesmo de sua forma de atuar e de falar. Sobretudo, atenda à dignidade, clareza e simplicidade dos gestos. Ao falar às crianças procurará expressar-se de tal maneira que o entendam facilmente, evitando, porém, expressões demasiadamente pueris.

As monições facultativas não de conduzir as crianças a uma participação litúrgica autêntica e não se tornem explicações meramente didáticas.

Para mover os corações das crianças, ajudará muito se o sacerdote empregar suas palavras nas monições, por exemplo, do ato penitencial, antes das orações sobre as oferendas, ao Pai nosso, ao dar a paz, ou ao distribuir a comunhão.

33. É necessário, nas missas para crianças, fomentar com diligência sua participação por meio dos gestos e das atitudes corporais, segundo a sua idade e os costumes locais. Isto é recomendado pela própria natureza da liturgia, como ação de toda a pessoa humana, e também pela psicologia infantil. Têm grande importância não só as atitudes e os gestos do sacerdote, senão também, e mais ainda, a forma de se comportar de todo o grupo de crianças.

Se a Conferência dos Bispos adapta à índole de cada povo, segundo a norma da Instituição Geral do Missal Romano, os gestos que são feitos na Missa, que leve em conta também a situação especial das crianças ou determine as adaptações feitas só para elas”.

**Nota:48**

cf. **Ordinário da Missa para crianças surdas-mudas da região de língua alemã, do dia 26 de junho de 1970, aprovado ou confirmado por esta Congregação** (Prot. n. 1548/70).

**Nota:49**

cf. **SC, n. 14, 19**: “14. A Igreja deseja ardentemente que todos os fiéis participem das celebrações de maneira consciente e ativa, de acordo com as exigências da própria liturgia e por direito e dever do povo cristão, em virtude do batismo, como *raça eleita, sacerdócio régio, nação santa e povo adquirido* (1Pd 2,9; cf. 2,4-5).

Procure-se, por todos os meios, restabelecer e favorecer a participação plena e ativa de todo o povo na liturgia. Ela é a fonte primeira e indispensável do espírito cristão. Os pastores de almas devem, pois, orientar para ela toda sua ação pastoral.

Para que isto aconteça, é indispensável que os próprios pastores estejam profundamente imbuídos do espírito e da força da liturgia, tornando-se capazes de ensiná-la aos outros. Deve-se, pois, antes de tudo, dar uma boa formação litúrgica aos clérigos. Por isso, o concílio decidiu estabelecer o que segue.

19. Também os fiéis devem participar da liturgia, interior e exteriormente, de acordo com sua idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa. Os pastores atuem pacientemente nesse sentido, sabendo que é um dos principais deveres de quem é chamado a dispensar fielmente os mistérios de Deus. Nesse particular, conduzam o seu rebanho não só com palavras, mas também com o exemplo”.

**Nota:50**

cf. **S. Congr. para o Clero, “Diretório Catequético Geral”**, n. 25: AAS 64 (1972), pág. 114.

**Nota:51**

cf. **GE, n.2**: “2. Todos os cristãos, tornados novas criaturas pela regeneração da água e do Espírito Santo são chamados filhos de Deus, como realmente o são. Têm, pois, direito, à educação cristã. Além de visar à maturidade das pessoas, a educação cristã tem por principal objetivo fazer com que os batizados sejam progressivamente iniciados no conhecimento do mistério da salvação e se tornem cada dia mais conscientes do dom da fé que receberam.

Aprendam, pois, a adorar Deus Pai em espírito e verdade (cf. Jo 4, 23), principalmente na liturgia, e a levar uma vida conforme ao novo homem, segundo a justiça e a santidade da verdade (cf. Ef 4, 22-24), de maneira a caminhar para o homem perfeito, na plenitude de Cristo (cf. Ef 4, 13) e a contribuir para o crescimento do corpo místico. Além disso, conscientes da esperança que reside em sua vocação (cf. 1Pd 3, 15), da qual são

chamados a dar testemunho, colaborem na cristianização do mundo, cujos valores humanos plenamente remidos em Cristo constituem preciosa contribuição ao bem de toda a sociedade. O Concílio lembra aos pastores o gravíssimo dever de tudo organizar de maneira a que os fiéis possam ter sua educação cristã, especialmente os jovens, que são a esperança da Igreja”.

**Nota:52**

cf. **GE**, n. 3: “Ao dar vida aos filhos, os pais assumem a obrigação de educá-los. Devem ser reconhecidos como primeiros e principais educadores. A função educativa dos pais é tão importante que, quando falta, dificilmente pode ser suprida. Os pais devem criar um ambiente familiar de amor e piedade para com Deus e para com os outros, favorável à educação integral, pessoal e social dos filhos. A família é a primeira escola das virtudes sociais, de que tanta necessidade têm as sociedades. Especialmente na família cristã, dotada das graças e deveres do sacramento do matrimônio, os filhos, de acordo com a fé recebida no batismo, devem ser iniciados desde os primeiros anos na percepção e no culto de Deus e aprender a amar o próximo. Fazem-se também, na família, as primeiras experiências da vida na sociedade e na Igreja. Por intermédio da família, enfim, os filhos são pouco a pouco introduzidos no convívio civil da sociedade e do povo de Deus. Que os pais se dêem, pois, conta da importância da família verdadeiramente cristã para a vida e para o crescimento do próprio povo de Deus.

A família, a que compete em primeiro lugar a função educadora, deve ser auxiliada por toda a sociedade. Além dos pais e daqueles a quem confiam o papel educador de seus filhos, a sociedade tem também deveres e direitos em matéria de educação, decorrentes de seu papel de promoção do bem comum. Compete-lhe incentivar de todos os modos a educação da juventude, protegendo os direitos e deveres dos pais e de todos os que se incumbem da educação e proporcionando-lhes os auxílios necessários. De acordo com o princípio de subsidiariedade, apoiar as iniciativas dos pais e dos que se propõem a se ocupar da educação, vindo em suprimento de suas necessidades e até mesmo realizar o trabalho educacional, levando em conta o desejo dos pais, criando inclusive escolas e institutos públicos, quando o bem comum o exigir.

Por uma razão toda especial, a Igreja tem também o dever de educar. Deve ser reconhecida como uma sociedade humana, capaz de educar, mas, sobretudo, porque tem a função de anunciar a todos os seres humanos o caminho da salvação, deve comunicar aos fiéis a vida de Cristo e acompanhá-los de perto para que possam alcançar sua plenitude. Como mãe, a Igreja deve educar seus filhos, para imbuí-los, em toda a vida, do Espírito de Cristo, ao mesmo tempo que ajuda todos os povos a promoverem a perfeição integral da pessoa, o bem da cidade terrestre e a construção de um mundo mais humano”.

**Nota:53**

cf. **S. Congr. para o Clero, “Diretório Catequético Geral”,** n. 78: AAS 64 (1972), pág. 147.

**Nota:54**

cf. **SC**, n. 33: “Embora vise principalmente ao culto da divina majestade, a liturgia contém muitos elementos de instrução para o povo. Na liturgia, Deus fala a seu povo e Cristo anuncia o Evangelho. O povo responde com cânticos e com oração.

O sacerdote preside à assembléia em nome de Cristo. As preces que dirige a Deus são feitas em nome do povo e de todos os presentes. Os sinais usados para manifestar as coisas invisíveis foram escolhidos por Cristo e pela Igreja. Todos esses sinais visam à *nossa instrução*, não apenas quando se lê *o que foi escrito* (Rm 15, 4), mas também quando a assembléia ora, canta ou age, alimentando a participação dos fiéis e lhes despertando o espírito para Deus, a fim de que lhe prestem um culto consciente e dele recebam todas as riquezas da graça. Observem-se, pois, na reforma litúrgica, as seguintes normas gerais”.

**Nota:55**

cf. **S. Congr. dos Ritos, Instrução “Eucharisticum Mysterium”,** 25 de maio de 1967, nº 14: AAS 59 (1967), pág. 550.

**Nota:56**

cf. **S. Congr. para o Clero, “Diretório Catequético Geral,** n.25: AAS 64 (1972), pág 114.

**Nota:57**

cf. **S Congr. dos Ritos, Instrução “Eucharisticum Mysterium”,** 25 de maio de 1967, nº 14: AAS 59 (1967), pág. 550; cf. também S Congr. para o Clero, “Diretório Catequético Geral”, nº 57: AAS 64 (1972), pág. 131.

**Nota:58**

cf. **SC**, n. 35,4: “Promovam-se celebrações da palavra de Deus nas vigílias das grandes festas, em certos dias da quaresma e do advento, nos domingos e dias santos, principalmente nos lugares em que não há sacerdotes. Nesse caso a celebração pode ser presidida por um diácono ou por outro delegado do bispo”.

**Nota:59**

cf. acima, n. 3: “A Igreja, seguindo o seu Mestre, que, “abraçando... abençoava” os pequeninos (Mc 10,16), não pode abandonar as crianças nesta situação, entregues a si mesmas. Por este motivo, imediatamente após o Concílio Vaticano II, que já na Constituição sobre a Sagrada Liturgia falara sobre a necessidade de uma adaptação da liturgia para os diversos grupos, sobretudo no primeiro Sinodo dos Bispos, realizado em Roma no ano de 1967 começou a considerar, com maior empenho, como as crianças poderiam participar mais facilmente da liturgia.

Naquela ocasião, o presidente do Conselho Executor da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, usando de palavras bem claras, disse que não se tratava, na verdade, de “elaborar um rito inteiramente especial, mas de consertar, abreviar ou omitir alguns elementos, ou de selecionar alguns textos mais adequados”.

**Nota:60**

cf. **SC**, nn. 42 e 106: “Mas o bispo não pode estar sempre presente à sua Igreja, nem presidir o rebanho em toda parte. É preciso, por isso que se constituam comunidades de fiéis. Entre essas, têm especial relevo as paróquias locais, organizadas em torno de um pastor que faz as vezes de bispo. São elas que, de certa forma, representam a Igreja visível existente no mundo.

A vida litúrgica paroquial deve manter no espírito e na prática, estreita relação com o bispo, tanto por parte dos fiéis como pelo clero. A celebração da missa dominical é a principal expressão e o sustento do espírito paroquial comunitário.

106. Por tradição apostólica, que remonta ao próprio dia da ressurreição do Senhor, a Igreja celebra o mistério pascal no oitavo dia da semana, que veio a ser convenientemente denominado domingo, isto é, dia do Senhor. Nesse dia, os fiéis devem se reunir para ouvir a palavra de Deus e participar da eucaristia, dando graças a Deus, *que nos fez renascer para uma esperança viva, ressuscitando Jesus Cristo dentre os mortos* (1Pd 1, 3). O domingo é o principal dia de festa. Como tal deve ser proposto com convicção aos fiéis, para que se torne um dia de alegria e de descanso. É o fundamento e o cerne do ano litúrgico. Nenhuma outra celebração, a não ser de primeiríssima importância, lhe deve passar à frente”.

**Nota:61**

cf. **A Liturgia no primeiro Sínodo dos Bispos**: “Notitiae” 3 (1967), pág. 368.

**Nota:62**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n.56.

**Nota:63**

cf. **n. 37**: “Também nas missas para crianças o silêncio, como parte da celebração, há de ser guardado a seu tempo”, para que não se atribua parte excessiva à atividade externa; pois as crianças também, a seu modo, são realmente capazes de fazer meditação. Contudo, necessitam ser guiadas convenientemente a fim de que aprendam, de acordo com os diversos momentos (por exemplo, depois da comunhão e depois da homilia), a concentrar-se em si mesmas, meditar brevemente, ou a louvar e rezar a Deus em seu coração.

Além disso, deve-se procurar – precisamente com mais cuidado que nas missas com adultos – que os textos litúrgicos sejam proclamados sem precipitação, em forma clara e com as devidas pausas”.

**Nota:64**

cf. **“Instrução Geral do Missal Romano”**, n. 11.

**Nota:65**

cf. **SC, n. 28**: “Em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas”.

**Nota:66**

cf. **“Instrução Geral do Missal Romano”**, n. 253.

**Nota:67**

cf. **“Instrução Geral do Missal Romano”**, n. 19.

**Nota:68**

cf. **S. Congr. dos Ritos, Instrução “Musicam Sacram”**, 5 de marco de 1967, n. 55: AAS 59 (1967), p.316.

**Nota:69**

cf. **S. Congr. dos Ritos, Instrução “Musicam Sacram”**, 5 de marco de 1967, p.318.

**Nota:70**

cf. **acima, n. 23**: “O sacerdote que celebra a missa com as crianças esmere-se de todo o coração para fazer uma celebração festiva, fraterna e meditativa; pois, mais que nas missas com adultos, estas disposições dependem da forma de celebrar do sacerdote, de sua preparação pessoal e mesmo de sua forma de atuar e de falar. Sobretudo, atenda à dignidade, clareza e simplicidade dos gestos. Ao falar às crianças procurará expressar-se de tal maneira que o entendam facilmente, evitando, porém, expressões demasiadamente pueris. As monições facultativas não de conduzir as crianças a uma participação litúrgica autêntica e não se tornem explicações meramente didáticas.

Para mover os corações das crianças, ajudará muito se o sacerdote empregar suas palavras nas monições, por exemplo, do ato penitencial, antes das orações sobre as oferendas, ao Pai nosso, ao dar a paz, ou ao distribuir a comunhão”.

**Nota:71**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 21.

**Nota:72**

Cf. **acima, n. 24**: “Como a eucaristia é sempre uma ação de toda a comunidade eclesial, convém que participem da missa também alguns adultos, não como vigias, senão orando com as crianças e para prestar-lhes a ajuda que seja necessária.

Nada impede que um dos adultos que participam da missa com as crianças, lhes dirija a palavra após o Evangelho, com a aprovação do pároco ou do reitor da Igreja, sobretudo se ao sacerdote se torna difícil adaptar-se à mentalidade das crianças. Sigam-se, neste assunto, as normas da Sagrada Congregação para o Clero.

Também nas missas para as crianças deve-se fomentar a diversidade de ministérios, a fim de que a celebração evidencie sua índole comunitária. Os leitores e os cantores, por exemplo, podem ser escolhidos dentre as crianças ou os adultos. Desta sorte, pela variedade de vozes, evitar-se-á também a monotonia”.

**Nota:73**

**Instrução Geral do Missal Romano**, n. 23.

**Nota:74**

Cf. **S. Congr. dos Ritos, instrução “Eucharisticum Mysterium”**, de 25 de maio de 1967, n. 38: AAS 59 (1967), p. 562.

**Nota:75**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 23.

**Nota:76**

Cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 8.

**Nota:77**

**SC, n. 48**: “A Igreja procura fazer com que os fiéis estejam presentes a este mistério, não como estranhos ou simples espectadores, mas como participantes conscientes, piedosos e ativos. Devem entender o que se passa, instruir-se com a palavra de Deus e alimentar-se da mesa do corpo do Senhor. Dar graças a Deus, sabendo que a hóstia imaculada, oferecida não só pelas mãos dos sacerdotes, mas também pelos fiéis, representa o oferecimento cotidiano de si mesmos até que se consuma, pela mediação de Cristo, a unidade com Deus e entre si, e Deus venha, enfim, a ser tudo em todos”.

**Nota:78**

Cf. **acima n. 21**: “Deve-se ter sempre diante dos olhos que tais celebrações eucarísticas devem encaminhar as crianças para as missas de adultos, principalmente para a missa dominical, que reúne toda a comunidade cristã. Portanto, afora as adaptações necessárias por causa da idade dos participantes, não se pode chegar a ritos completamente especiais que demasiadamente difiram do ordinário da missa celebrada com o povo. A finalidade de cada um dos elementos deve corresponder ao que se determina sobre eles na Instrução Geral do Missal Romano, ainda que alguma vez, por razões pastorais, não se possa conservar sua igualdade absoluta”.

**Nota:79**

**Instrução Geral do Missal Romano**, n.15.

**Nota:80**

**Instrução Geral do Missal Romano**, n. 24.

**Nota:81**

**Instrução Geral do Missal Romano**, n. 38.

**Nota:82**

**Missal Romano, “Lecionário I”, De Ordine Lectionum Missae**, Introdução Geral, n. 7d.

**Nota:83**

**Instrução Geral do Missal Romano**, n.33.

**Nota:84**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 11.

**Nota:85**

cf. **Conselho Executor da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, “Instrução sobre a tradução dos textos litúrgicos para a celebração com o povo, de 25 de janeiro de 1969, n. 20: “Notitiae” 5 (1969), pág. 7.**

**Nota:86**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 54.

**Nota:87**

cf. **acima, nn. 23 e 37**: “23. O sacerdote que celebra a missa com as crianças esmere-se de todo o coração para fazer uma celebração festiva, fraterna e meditativa; pois, mais que nas missas com adultos, estas disposições dependem da forma de celebrar do sacerdote, de sua preparação pessoal e mesmo de sua forma de atuar e de falar. Sobretudo, atenda à dignidade, clareza e simplicidade dos gestos. Ao falar às crianças procurará expressar-se de tal maneira que o entendam facilmente, evitando, porém, expressões demasiadamente pueris.

As monições facultativas não de conduzir as crianças a uma participação litúrgica autêntica e não se tornem explicações meramente didáticas.

Para mover os corações das crianças, ajudará muito se o sacerdote empregar suas palavras nas monições, por exemplo, do ato penitencial, antes das orações sobre as oferendas, ao Pai nosso, ao dar a paz, ou ao distribuir a comunhão.

37. Também nas missas para crianças o silêncio, como parte da celebração, há de ser guardado a seu tempo”, para que não se atribua parte excessiva à atividade externa; pois as crianças também, a seu modo, são realmente capazes de fazer meditação. Contudo, necessitam ser guiadas convenientemente a fim de que aprendam, de acordo com os diversos momentos (por exemplo, depois da comunhão e depois da homília), a concentrar-se em si mesmas, meditar brevemente, ou a louvar e rezar a Deus em seu coração.

Além disso, deve-se procurar – precisamente com mais cuidado que nas missas com adultos – que os textos litúrgicos sejam proclamados sem precipitação, em forma clara e com as devidas pausas”.

**Nota:88**

cf. **acima, n. 23**: “O sacerdote que celebra a missa com as crianças esmere-se de todo o coração para fazer uma celebração festiva, fraterna e meditativa; pois, mais que nas missas com adultos, estas disposições dependem da forma de celebrar do sacerdote, de sua preparação pessoal e mesmo de sua forma de atuar e de falar. Sobretudo, atenda à dignidade, clareza e simplicidade dos gestos. Ao falar às crianças procurará expressar-se de tal maneira que o entendam facilmente, evitando, porém, expressões demasiadamente pueris. As monições facultativas não de conduzir as crianças a uma participação litúrgica autêntica e não se tornem explicações meramente didáticas.

Para mover os corações das crianças, ajudará muito se o sacerdote empregar suas palavras nas monições, por exemplo, do ato penitencial, antes das orações sobre as oferendas, ao Pai nosso, ao dar a paz, ou ao distribuir a comunhão”.

**Nota:89**

cf. **S. Congr. dos Ritos, Instrução “Musicam Sacram”, de 5 de março de 1967, n. 32: AAS 59 (1967), pág. 309.**

**Nota:90**

cf. **Instrução Geral do Missal Romano**, n. 11.

**Nota:91**

cf. **acima, n. 39**: “A fim de que a missa para crianças não seja demasiadamente diferente da missa com adultos, alguns ritos e textos nunca devem ser adaptados às crianças, como “as aclamações e respostas dos fiéis as saudações do sacerdote”, o Pai nosso, a fórmula trinitária na bênção final com que o sacerdote conclui a missa. Recomenda-se que paulatinamente as crianças vão se acostumando ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano, além do uso do Símbolo dos Apóstolos (vide n°. 49)”.

**Nota:92**

cf. **Missal Romano, “Prece Eucarística II”.**

**Nota:93**

**GI 5,6**: “porque, em Jesus Cristo, o que conta não é a circuncisão ou a não circuncisão, mas a fé que age por meio do amor”.